CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Bruno Vieira de Sousa

Colaboração e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

Rio de Janeiro
2019

Bruno Vieira de Sousa

Colaboração e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores : Professores: Drª. Bianca Maria R. Martins
Dr. Alessandro Jatobá

Rio de Janeiro
2019

S719c Sousa, Bruno Vieira de
Colaboração e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ) / Bruno Vieira de Sousa.- Rio de Janeiro, 2019.
108 f.

Orientador: Bianca Maria Rêgo Martins,
Coorientador: Alessandro Jatobá

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2019.

1. Colaboração. 2. Motivação. 3. Uso das tecnologias. 4. Professor designer. I. Martins, Bianca Maria Rêgo, prof. orient. II. Jatobá, Alessandro, prof. coorient. III. Título.

CDD 371.344

Bruno Vieira de Sousa

Colaboração e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Examinada por:

Prof. Drª. Bianca Maria R. Martins – Unicarioca
Orientadora

Prof. Dr. Alessandro Jatobá – UniCarioca
Co-orientador

Prof. Dr. Leonardo Monteiro Trotta – UniCarioca
membro interno

Prof. Drª. Bárbara Emanuel - UFF
membro externo

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos professores da unidade pesquisada, pelo seu compromisso em oferecer uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio durante todo o período do mestrado. Também ao querido colega e amigo Fabio, por me incentivar desde o momento da inscrição para o processo seletivo deste programa. A todos os professores participantes da pesquisa, por suas contribuições e participação em todo o processo.

Agradeço também à equipe diretiva da unidade pesquisada, por me permitir total acesso aos professores e ao espaço escolar durante todo o estudo. Ao querido amigo Genison pelo alicerce e apoio cotidiano e incondicional durante todo esse tempo. Aos colegas de mestrado Paula, Marcelo, Talita, Patrícia, Karla, Ana Márcia e Bianca pelos momentos de compartilhamento de conhecimentos, dos trabalhos e pesquisas no decorrer do curso. Ao amigo Felipe pela ajuda durante a pesquisa e pelo apoio nos momentos de dificuldades durante a construção do trabalho.

Faço agradecimento especial à minha professora e orientadora, Bianca Martins, por todo conhecimento compartilhado, pelo comprometimento com essa pesquisa, pelas dicas especiais via Whatsapp e pela paciência durante essa parceria. Ao estimado professor Alessandro Jatobá, pela co-orientação desta pesquisa e pelas excelentes contribuições para o estudo. Aos professores componentes da banca avaliadora da pesquisa, pelas contribuições trazidas para aprimoramento desta. Estendo os agradecimentos a todos os professores do programa de Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação, pela solidez na formação oferecida e pelo compromisso com a pesquisa e melhoria da educação de nosso país.

RESUMO

O presente estudo busca compreender como os docentes em uma escola municipal na periferia da cidade do Rio de Janeiro constroem suas práticas num ambiente adverso, principalmente pela falta de recursos. A partir disso se almeja a organização de uma plataforma virtual para compartilhamento de práticas pedagógicas, no Facebook, entre os docentes, de caráter interativo, promovendo o diálogo entre os pares. A unidade escolar estudada faz parte do projeto Escolas do Amanhã, implementado pela prefeitura do Rio de Janeiro em 2009. Observações preliminares indicam uma provável discrepância entre os fundamentos do projeto e a realidade vivida na unidade escolar. Diante disso, estabelecemos uma relação entre essa diferença e a ausência de recursos, que dificulta o respectivo trabalho pedagógico. Entendemos que o uso de uma plataforma de compartilhamento de práticas entre os docentes propiciaria uma melhora no trabalho docente, a partir do que observamos no conceito de colaboração (Oliveira, 2007, Kenski, 2003, Freire, 2005 e D'Ambrosio, 2010). Consideramos também o conceito de motivação (Souza, 2018, Bergamini, 1997, Wiesel, 2005, Ferreira, 2018, Motta, 1986 e Tapia, 2004). O uso de uma plataforma digital e conectada para compartilhar as práticas docentes faz parte do contexto do uso das Novas Tecnologias em Educação, seguindo tendência manifesta em documentos oficiais, como a Base Nacional Curricular Comum. (Silva et. al. 2016, Mercado, 1999,Kenski, 2012, Fagundes, 2005, Brasil, 2017). Reportamo-nos ainda as contribuições de Martins (2016), ao apresentar a relação entre design e educação, e como o primeiro pode contribuir para uma prática pedagógica diferenciada. A metodologia adotada para o trabalho foi a pesquisa-ação (Koerich et. al. 2009, Minayio, 2008) e a coleta de dados se deu pelo uso do grupo focal com um grupo de professores da unidade escolar pesquisada (Cotrim,1996, Bauer, M.W. &Gaskell, G., 2003). Análises preliminares dos dados indicam que os docentes desconheciam os fundamentos do projeto Escolas do Amanhã, bem como apontam a carência de recursos como limitante em suas práticas. Compreendem que algum instrumento em que pudessem compartilhar as suas práticas seria válido. Apontam ainda para dificuldades da inserção dos recursos tecnológicos na unidade, devido a problemas na infraestrutura e legislação impeditiva.

Palavras-chave: Colaboração; Motivação; Uso das Tecnologias; Professor Designer.

ABSTRACT

This study aims to understand how teachers in a municipal school in the outskirts of the city of Rio de Janeiro build their practices in an adverse environment, mainly due to lack of resources. From this it is desired the organization of a virtual platform for sharing pedagogical practices, on Facebook, among the teachers, of an interactive character, promoting the dialogue between the peers. The school unit studied is part of the Escolas do Amanhã project, implemented by the city of Rio de Janeiro in 2009. Preliminary observations indicate a probable discrepancy between the project's fundamentals and the reality lived in the school unit. In view of this, we have established a relation between this difference and the absence of resources, which hampers their pedagogical work. We believe that the use of a platform for sharing practices among teachers would lead to an improvement in the teaching work, from what we observe in the concept of collaboration (Oliveira, 2007, Kenski, 2003, Freire, 2005 and D'Ambrosio, 2010). We also consider the concept of motivation (Souza, 2018, Bergamini, 1997, Wiesel, 2005, Ferreira, 2018, Motta, 1986 and Tapia, 2004). The use of a digital platform and connected to share teaching practices is part of the context of the use of New Technologies in Education, following a clear trend in official documents such as the National Curricular Common Base. (Silva et al., 2016, Mercado, 1999, Kenski, 2012, Fagundes, 2005, Brazil, 2017). We also report the contributions of Martins (2016), when presenting the relationship between design and education, and how the former can contribute to a differentiated pedagogical practice. The methodology used was the action research (Koerich et al., 2009, Minayio, 2008) and the data collection was done by the use of the focal group with a group of teachers of the studied school unit (Cotrim, 1996, Bauer , MW & Gaskell, G., 2003). Preliminary analyzes of the data indicate that teachers were unaware of the fundamentals of the Escolas do Amanhã project, as well as pointing to the lack of resources as limiting in their practices. They understand that some instrument in which they could share their practices would be valid. They also point to difficulties in the insertion of technological resources in the unit, due to problems in infrastructure and impeding legislation.

Keywords: Collaboration; Motivation; Use of Technologies; Professor Designer.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 - Estrutura do Escolas do Amanhã fonte:escolasdoamanha.com.br/sobre-o-projeto/ 13
Fig. 2 - Principais Pilares do "Escolas do Amanhã". Fonte: LUCAS (2011). 14
Fig. 3 - Diagrama de Ishikawa – Autoria: Bruno Vieira de Sousa 17
Fig. 4 - Sala de aula - Estilo Tradicional – Autoria: Bruno Vieira de Sousa 21
Fig. 5 - Sala de aula - Interacionista - Autoria: Bruno Vieira de Sousa 22
Fig. 6 - Esquema do processo da pesquisa-ação – Fonte: Koerich et. al. (2009) 38
Fig. 7 - Postagem no grupo Experiências e trocas de Atividades. Fonte: Facebook. 61
Fig. 8 - Comentários sobre a atividade. Fonte: Facebook 62
Fig. 9 - Outra atividade apresentada no mesmo grupo Fonte: Facebook. 63
Fig. 10 - Comentários acerca da atividade. Fonte: Facebook 64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tema: Pilares da Escola do Amanhã 40
Tabela 2 - Tema: Trabalhar a aprendizagem de forma dinâmica 42
Tabela 3 - Tema: Acesso à internet. 43
Tabela 4 - Tema: Realidade local X realidades externas. 47
Tabela 5 - Tema: Pilares da escola do Amanhã 51
Tabela 6 - Tema: Lei de proibição de utilização de dispositivos móveis. 53
Tabela 7 - Tema: Cenário educacional problemático. 55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil

MEC – Ministério da Educação

SME – Secretaria Municipal de Educação

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1-Introdução 13
1.1-Contexto da pesquisa 13
1.2-Questão norteadora 19
1.3-Justificativa/relevância 19
1.4-Objetivos 24
1.4.1-Objetivo geral 24
1.4.2-Objetivos específicos 24
1.5-Organização do trabalho 25
2-Fundamentação teórica 26
2.1-Colaboração 26
2.2-Motivação 27
2.3-Uso das tecnologias 30
2.4-Professor Designer 33
3-Método 37
4-Resultados e discussões 40
4.1-Percepções dos professores 40
4.2-O Facebook 58
4.3-Avaliação do grupo no Facebook 67
5-Conclusão 72
Referências Bibliográficas 76
Anexos 80
1-Transcrição do grupo focal com os professores 80
2- Ficha de avaliação dos professores sobre o grupo 93

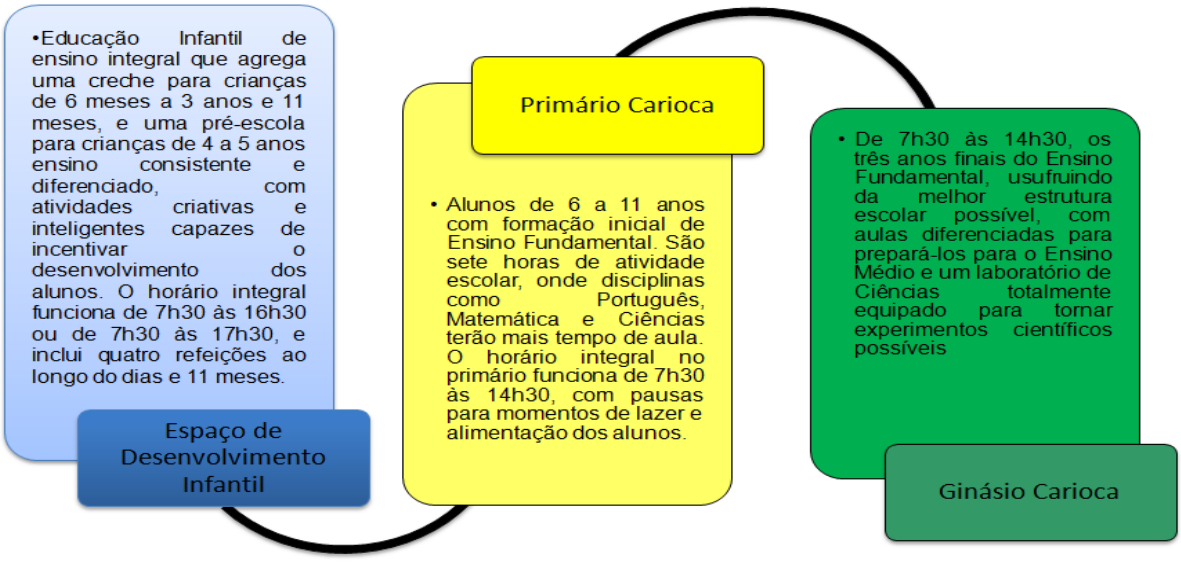
1. INTRODUÇÃO

1.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

As Escolas do Amanhã fazem parte de um projeto da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que compreendem três espaços de Ensino: Espaço de Desenvolvimento Infantil - EDI, Primário Carioca e Ginásio carioca. Teve início em 2009, visando a melhoria da educação na cidade do Rio de Janeiro, visto o grande déficit nas aprendizagens.

> Desde o lançamento do Programa, as Escolas do Amanhã vêm melhorando seu desempenho de forma expressiva. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2011, os Anos Finais das Escolas do Amanhã se destacaram com um crescimento de 33% em relação à avaliação realizada em 2009, enquanto a Rede Municipal cresceu 22%. Nos Anos Iniciais, as Escolas do Amanhã cresceram 8,7%, comparado com 5,9% da rede. Entre 2008 e 2011, a evasão escolar nas Escolas do Amanhã apresentou uma redução de 37,6%, contra 11,1% na Rede Municipal. O número de professores no Programa cresceu 84% – atualmente 6.186 docentes atuam nas Escolas do Amanhã.

Figura 1. Estrutura organizacional das Escolas do Amanhã



Fonte: <http://www.escolasdoamanha.com.br/sobre-o-projeto/>

Segundo Lucas (2011), a proposta é utilizar uma nova roupagem no modelo estrutural das escolas do município do Rio de Janeiro, tendo em vista a difusão do ensino integral por meio de um modelo de infraestrutura que garanta o conforto, possibilitando

qualidade a todos envolvida no processo. São demonstrados na imagem a seguir os principais pilares do projeto “Escolas do Amanhã”.

Figura 2. Principais Pilares do Projeto “Escolas do Amanhã”



Fonte: LUCAS (2011).

O programa “Escolas do Amanhã” atende ao conjunto de crianças e jovens residentes em favelas e periferias e amplia o tempo da jornada escolar em atividades de contra turno.

Segundo Lucas (2011), esse programa situa-se em 155 escolas do ensino fundamental, nas mais diversas regiões e favelas. O ensino de tempo integral oferece formação diferenciada, com olhar específico às deficiências de aprendizagens e a superação

nos processos educativos, causados pelos mais complexos ambientes sociais, por disputas territoriais entre grupos criminosos armados e as forças de segurança do Estado.

Vale ressaltar, que o projeto das Escolas do Amanhã visa que, até 2020, o ensino integral tenha alcançado toda a rede municipal de ensino. O programa propõe a ascensão dos índices de qualidade na educação, obtidos através da Prova Brasil. Com esta avaliação e analisando o fluxo dos alunos se obtém o Índice de Educação Básica, o IDEB.

> Em agosto de 2009, o programa de educação "Escolas do Amanhã" foi instituído pelo decreto 31.022/2009, anunciado como uma iniciativa que abrangeria 73 favelas e cerca de 108 mil educandos matriculados na rede municipal. O programa consiste numa iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, que inicialmente abrangia 150 escolas públicas (agora expandido para 168 unidades escolares). Estas, que teriam sido escolhidas a partir de dados como altos índices de violência, em localidades de favelas ou nos entornos dessas e que combinem fatores como baixo desempenho no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) abaixo da média da cidade, taxa de evasão, taxa de analfabetismo funcional, localização da escola (áreas conflagradas, com alto risco social, controlado por traficantes de drogas ou milícias ilegais), número de alunos que necessitam de ensino de recuperação, número de alunos por unidade escolar e por níveis de ensino dentro de cada unidade escolar.(GAWRYSZEWSKI, 2015, p.390).

O programa está fundamentado em seis ações:

1. Mais Educação (conforme descrito na seção anterior);

2. Reforço Escolar: promovido por organizações sociais, apoio de entidades como o Sistema S e pelo programa do governo federal "Mais Educação". As aulas têm como premissa romper a defasagem série / idade dos estudantes;

3. Projeto Uerê-Mello: uma metodologia de ensino formulada pela artista plástica Yvonne Bezerra de Mello, a partir do projeto da ONG "Uerê", que se propõe a atuar educativamente de maneira a desfazer bloqueios cognitivos gerados pela violência, trabalhando com associação entre emoção e abstração para o desenvolvimento de tarefas simples e de rápida absorção;

4. Bairro Educador: projeto desenvolvido pelo Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS), utilizando a metodologia desenvolvida pelo Bairro Escola da ONG Cidade Escola Aprendiz, que consiste em aproximar a escola dos espaços comunitários;

5. Programa Saúde na Escola: programa preventivo de promoção da saúde, gerido pela Organização Social IABAS (Instituto de Atenção Básica e Avançada à Saúde);

6. Cientistas do Amanhã: administrado pelo Instituto Sangari, uma organização internacional que tem como objetivo vender serviços educativos da área de ciências.
A proposta que o Instituto Sangari trouxe para as "Escolas do Amanhã" consiste no ensino das ciências a partir da compra de um kit composto por livros didáticos, de laboratórios com materiais de ciências e de um currículo previamente elaborado, que deve ser seguido à risca pelos professores.

Pudemos observar até aqui a origem e o contexto do programa Escolas do Amanhã, bem como sua descrição e o que os seus idealizadores almejavam.

No contexto atual da educação, se faz necessário que todos os ambientes educacionais se constituam de equipamentos e ferramentas tecnológicas, relacionados ao nosso público alvo atual, estudantes altamente antenados e pertencentes a este mundo globalizado, inovador fazendo-se necessária as mais diversas propostas metodológicas interacionistas. De acordo com Santaella (2013 p.23). Por permitir um tipo de aprendizado aberto, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua. Compartilhamos da visão de Santaela (2010) que afirma que:

> Processos de aprendizagem abertos significam processos espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes e que são possíveis porque o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite. (p. 19)

O trabalho está sendo aplicado a partir de um estudo de caso com os professores que atuam no Primário Carioca -Escola Municipal do Rio de Janeiro.

Diante disto, a partir de minha vivência e realização de uma roda de conversa com os profissionais da unidade escolar, foram apontadas diversas questões que vão de enfrentamento ao que se espera do modelo Escolas do Amanhã. Baseado nos dados

coletados, foi elaborado um diagrama de Ishikawa[1] (Figura 3) para representar a relação entre o problema e suas possíveis causas.

Figura 3. - Diagrama de Ishikawa



Fonte: Autoria própria.

Nessa perspectiva o problema da pesquisa está relacionado às políticas públicas implementadas para abordar os problemas da educação básica no que se refere às dinâmicas de aprendizagens do projeto Escolas do Amanhã Município do Rio de Janeiro. Pois, na prática, não trouxeram benefícios significativos e os profissionais atuantes na unidade, dos aspectos que determinam o que é uma escola do amanhã, e que talvez isso prejudique no trabalho docente e no aprendizado.

Portanto se constitui em como os professores da unidade pesquisada desenvolvem seus trabalhos mesmo não tendo a estrutura prometida pelo projeto Escolas do Amanhã.

Observa-se, no entanto, que apesar da proposta apresentada, a Escola do Amanhã pesquisada não é contemplada com as ações almejadas no projeto. Conforme relato de professores atuantes, as Escolas do Amanhã – último projeto de política pública implementado para abordar os problemas da educação básica no Município do Rio de

[1] Tem a finalidade de, em forma gráfica, representar os fatores de influência (causa) sobre um determinado problema (efeito).
Sua construção é elaborada a partir da identificação do efeito (problema em estudo), relação das possíveis causas, análise do diagrama para identificação das causas verdadeiras e correção do problema (WERKEMA, 1995 apud. Chiroli, Giroto, Pappa, 2011, p. 5).

Janeiro - na prática não trouxeram benefícios significativos para educação deste município. Diante disso é preciso considerar que:

> A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação. (BRASIL,2017,p. 7).

Em tal caso, a proposta do trabalho visa discutir os aspectos das práticas de resistência docente em uma Escola do Amanhã (Primário Carioca), que dizem respeito ao pilar caracterizado na figura 2, que traduz as formas dinâmicas de aprendizagem despertando a curiosidade dos jovens através de metodologias mais criativas e inovadoras.

> Os alunos estão prontos para a multimídia, os professores, em geral, não. Os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Creio que muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade diante do aluno. Por isso e pelo hábito mantêm uma estrutura repressiva, controladora, repetidora. Os professores percebem que precisam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não estão preparados para experimentar com segurança (MORAN, 2013, p.89).

Portanto, a pesquisa será inserida na abordagem qualitativa/pesquisa-ação, por meio de entrevistas, análises e observações das interações dos profissionais atuantes. Entretanto, será ressaltada a questão da utilização dos mais diversos tipos de tecnologias e dispositivos móveis, caracterizados como instrumentos facilitadores das aprendizagens, em consonância às mais diversas realidades de ubiquidades vivenciadas pelos sujeitos inseridos no ambiente.

> Entre outros aspectos derivados das condições propiciadas pelas tecnologias do acesso e da conexão contínua, notáveis são aqueles que afetam diretamente as formas de educar e de aprender. Tenho chamado de “aprendizagem ubíqua” as novas formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos móveis. (Santaella,2013, p 23).

1.2 - QUESTÃO NORTEADORA

O uso de um dispositivo tecnológico que favoreça a interação entre os docentes na busca e compartilhamento de atividades pode motivar professores a usar os recursos existentes nas salas de aula do Primário Carioca de forma instigante, para superar os desafios do cotidiano escolar?

1.3 - JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA:

No âmbito educacional público, nota-se que os ambientes escolares se apresentam de forma heterogênea. As salas de aula da unidade pesquisada possuem características híbridas como: quadro branco imantado, quadro de giz, murais expositivos, prateleiras laterais, armários, carteiras confortáveis, acústica de qualidade, ambiente climatizado, projetor, uma ambientação colorida e som.

> Uma sala é inicialmente um espaço que pode ou não ser ocupado. Quando se trata da sala de aula, o espaço deve necessariamente ser ocupado. "Isso se deve ao fato de que a sala de aula é um espaço socialmente instituído. (NOVELI, 1997).

A sala de aula é um espaço bem amplo, onde todos os envolvidos no processo educacional, social e de interfaces diversificadas, trocam informações, mas também aproximam-se efetivamente.

> A organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que, para cada trabalho realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala, assim como introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligado aos projetos em curso. Além disso, a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela. A pracinha, o supermercado, a feira, o circo, o zoológico, a biblioteca, a padaria etc. são mais do que locais para simples passeio, podendo enriquecer e potencializar as aprendizagens. (Brasil. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. V.13v.: il).

Contudo, o âmbito educativo, movimenta diversificados fomentos de relações, no qual alimenta poderes, questões pessoais e muita das vezes intrapessoais no que se quer construir culturalmente, educativamente atrelada às metodologias e conteúdos formais e não formais.

Nesse sentido, as mais diversas características da utilização de novas tecnologias digitais, aliadas aos inúmeros tipos de dispositivos móveis ou não, sendo instrumentos de múltiplas aprendizagens pelos educandos.

> Dispositivos móveis são definidos como qualquer equipamento ou periférico que pode ser transportado com informação que fique acessível em qualquer lugar. São eles, palms, lap-tops, i-pads, até mesmo os pendrives e, certamente, os celulares multifuncionais, tais como smart-phones e i-phones¨(Santaella,2013, p 23).

Vale ressaltar, que o desempenho dos profissionais envolvidos, reflete nas avaliações externas, vide o resultado do IDEB – 2013. Para além disso, é importante que se pense na educação como um direito, garantido em nossa Constituição e em legislação ordinária subsequente.

> A Constituição Brasileira de 1988, no seu artigo 205º e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, artigo 2º garantem: "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Contudo, é a atividade ética que materializa tanto a cidadania quanto a qualificação do indivíduo pois são construídas e refletidas pelas suas práticas e ações diárias.

Portanto, a sala de aula é um lugar de aprendizagens múltiplas, trocas culturais, acadêmicas, sociais, educacionais etc.

Além disso, pode também ser utilizada como lugar específico de aprendizagens direcionadas em um determinado contexto, onde o professor tem papel fundamental com articulador/mediador. Este auxilia os discentes nos novos conteúdos ou até mesmo evidenciando aprendizagens já acomodadas nas vidas deles, aproveitando para uma melhor ressignificação, construção/desconstrução.

> Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta. E essa sua fala é a fala de um desejo, de uma vontade eminentemente política no caso de uma proposta educativa, e sempre humana, vontade que, por ser social e humana, não é nunca uma fala acabada, não "o" lugar, "a" resposta, pois, se traz "a" resposta, já não é uma pergunta. Aponta, isso sim, um caminho a construir." (KRAMER, 2009, p.169).

Por isso, é fundamental a troca entre os docentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, enfatizando um novo olhar a partir das características de nossos estudantes, que são diferentes dos estudantes do século passado, trazendo para sua vida escolar a tecnologia vigente no mundo. Segundo (Silva -2014),

> O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender. Ao estimular o aluno, o educador desafia-o sempre.(SILVA, 2014 p.19).

Diante do exposto, a seguir serão apresentadas características de um ambiente escolar - (sala de aula - Escola do Amanhã - Primário carioca), ao qual será transcrito a relevância do atual cenário.

No primeiro momento, o espaço sala de aula, caracterizava-se com carteiras e cadeiras enfileiradas, quadros e murais em branco, não possibilitando um visual atrelado para as práticas educacionais interacionistas, como podemos observar abaixo.

Figura 4: Sala de aula - Estilo Tradicional





Fonte: Autoria própria

No decorrer do ano letivo, é percebida a necessidade de se trabalhar de forma diferenciada, pois os estudantes têm a necessidade de trocar e dialogar com seus pares.

Com isso, a mudança da disposição das cadeiras, fomenta uma prática docente interacionista, possibilitando aos estudantes cotidianamente a utilização de jogos de Tabuleiros como: Ludo, Dama, Xadrez, Resta um, Cuca Legal, Soletrando, A Forca, Caça Palavras, Brasil em Jogo e também, Jogos de carteados como: Uno, jogos da memória relacionados a questões interdisciplinares, que por ventura, vão de encontro aos conteúdos

que possam ser trabalhados, buscando estimular a participação e evidenciando curiosidades e uma prática interacionista de conexão a todos. Segundo MARTINS, 1997 o sociointeracionismo.

> Para o Sociointeracionismo, o desenvolvimento se produz não apenas por meio da soma de experiências, mas, e sobretudo, nas vivências das diferenças. O aluno aprende imitando, concordando, fazendo oposição, estabelecendo analogias, internalizando símbolos e significados, tudo isto num ambiente social e historicamente localizado. (MARTINS, 1997, P 11-112).

Figuras 5: Sala de aula – Interacionista





Fonte: Autoria própria

Deste modo, a cada dia que passa torna-se mais desafiador o ambiente de sala de aula, não tendo um modelo pronto ou até mesmo uma designação que irá de fato acontecer. E sim perceptível, seres com vontades de aprender a aprender, curiosos e entusiasmados e/ou desestimulados.

Com isso, o professor torna-se mediador e não único detentor do conhecimento, articulando saberes e experimentando novas formas e práticas metodológicas educacionais.

À vista disso, o cotidiano das salas de aulas e as práticas atribuídas, caracterizam-se por momentos de reflexão, não se justificando as faltas de adequações e formas de se trabalharem linguagens diferenciadas se as ciências de uma maneira geral, com utilização das práticas tecnológicas/metodológicas modais ou até mesmo um modelo atrelado a realidade que se tem momentaneamente.

Sendo assim, tornam-se bem-vindas novas atribuições para que se tenham novos desafios ou até mesmo um novo olhar, para de fato refletir, se o trabalho está sendo alcançado e seus objetivos estão pertinentes àquela determinada realidade que se tem momentaneamente.

Por consequência, alterações e práticas vividas diariamente, traduz novas reflexões no que se refere às fruições do cotidiano escolar.

Consequentemente, o processo de utilização ubíqua de sala de aula, torna-se espontâneo, caracterizado ao objetivo que se pretende cumprir. Levando todos sempre a uma auto avaliação reflexiva, não estagnada, tirando proveito de tudo que se constrói ou que está em processo de construção/transformação e evidenciado nas potencialidades dos sujeitos envolvidos no contexto escolar.

> Estamos, portanto, muito longe da ideia de que a aprendizagem ubíqua possa porventura substituir a educação formal, a informal e a não formal, assim como não substitui os modelos de aprendizagem *gutenberguianos*, de aprendizagem a distância e em ambientes virtuais. Na realidade, eles se interpenetram. "Evidentemente, não se trata de uma mera somatória, mas de um jogo de complementaridades". (SANTAELLA,2013, p27).

Assim, em relação à pesquisa serão observadas realidades diversas nos ambientes de uma determinada escola do Amanhã - primário carioca, verificando a estrutura e utilização dos espaços como influências nas aprendizagens de modo significativo, além de integrar as relações socioculturais, afetivas e interacionistas e também aguçando maior aprimoramento, despertando cada vez mais interesses em todos por questões do uso das Novas Tecnologias e da formação do cidadão pleno.

Contudo, segundo KENSKI, 2007.

> Abre oportunidades que permitem enriquecer o ambiente de aprendizagem e apresenta-se como um meio de pensar e ver o mundo, utilizando-se de uma nova sensibilidade, [...] envolve um pensar dinâmico, onde tempo, velocidade e movimento passam a ser os novos aliados no processo de aprendizagem, permitindo a educadores e educandos desenvolver seu pensamento, de forma lógica e crítica, sua criatividade por intermédio do despertar da curiosidade, sua capacidade de observação, seu relacionamento com grupos de trabalho na elaboração de projetos, seu senso de responsabilidade e coparticipação. (KENSKI, 2007, p.45).

Dessa maneira, o universo educacional tem o papel de transformar criativamente esse espaço modificando realidades e aguçando sentimentos diversos, alavancando futuros promissores.

Portanto, fazendo com que cada dia mais todos sintam-se valorizados e motivados para planejar e desenvolver suas trajetórias escolares.

> Educação de qualidade é aquela que promove para todos os domínios do conhecimento e do desenvolvimento capacidades cognitivas, operativas e sociais necessárias ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (LIBÂNEO, 2017, p.62).

Adentrar, através da pesquisa, nos meandros do cotidiano escolar é, portanto, importante, para compreendermos as relações que se estabelecem com o conhecimento, as relações entre os pares envolvidos. É possibilitar que se torne conhecido as estratégias desenvolvidas para se aprimorar o ensino e aprendizagem, mesmo havendo tantos desafios diante dos docentes e discentes.

1.4 - OBJETIVOS

1.4.1 - OBJETIVO GERAL

- Promover a interação por meio de um recurso digital entre os docentes de uma determinada escola do amanhã - Primário Carioca - na busca e compartilhamento de atividades práticas voltadas a motivá-los superando os desafios do cotidiano escolar.

1.4.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar desejos e necessidades específicas dos profissionais atuantes em relação ao contexto escolar;
- Levantar possibilidades tecnológicas para desenvolvimento e/ou ressignificação de um dispositivo;
- Selecionar um recurso tecnológico de acordo com características encontradas na pesquisa;
- Vivenciar o recurso tecnológico com uma amostra significativa do público;
- Avaliar e discutir os resultados alcançados pelo recurso digital alimentado pelos próprios docentes.

1.5 – ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira fizemos a contextualização acerca das Escolas do Amanhã, bem como apresentamos a questão norteadora do estudo. Adiante delimitamos o problema da pesquisa. Em seguida discutimos a relevância e a justificativa para este estudo.

Em sequência estabelecemos os objetivos a serem atingidos, no campo da pesquisa e conseguinte intervenção na realidade.

No capítulo seguinte trazemos nosso aporte teórico, discutindo sobre os conceitos de colaboração, motivação, uso das tecnologias e professor designer.

Na terceira parte descrevemos a metodologia utilizada, neste caso a pesquisa-ação, que será descrita naquela seção. Nesta parte também descrevemos os procedimentos para coleta de dados, neste contexto optamos pelo uso do grupo focal.

Na seção seguinte abordaremos o nosso projeto de intervenção na realidade pesquisada através do uso do Facebook para desenvolver um grupo de compartilhamento de experiências dos professores pesquisados. Neste capítulo também analisaremos como a ferramenta foi utilizada e quais avaliações os docentes fizeram da proposta.

Adiante trazemos algumas reflexões acerca do trabalho, analisando os impactos manifestados pelos docentes sobre o uso da plataforma, bem como os eventuais desdobramentos deste, o que pode ser mudado, o que deve permanecer.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Colaboração

Abordar o conceito de colaboração nesta pesquisa é necessário pois buscamos construir junto aos docentes da unidade pesquisada um instrumento de compartilhamento de experiências, recursos, atividades. Neste sentido nos reportamos a Oliveira (2007) e sua discussão acerca do conceito de colaboração, ao citar Ramos e Quartiero (2005) que consideram colaboração como uma ação em que problemas e objetivos são compartilhados com a finalidade de construir conhecimento e aprendizagem. Recorremos também a Kenski (2003), que ao comparar colaboração e cooperação define a primeira como:

> A realização de atividades de forma coletiva, ou seja, a tarefa de um complementa o trabalho de outros. Todos dependem de todos para a realização das atividades, e essa interdependência exige aprendizados complexos de interação permanente, respeito ao pensamento alheio, superação das diferenças e busca de resultados que possam beneficiar a todos.
> [...]na comunidade colaborativa "cada um é um centro", ou seja, não existe um chefe, professor ou detentor permanente do saber, mas uma circularidade de informações e trocas visando ao alcance de objetivos que podem ser de todo o grupo ou apenas de um número restrito de pessoas ou até mesmo de uma única pessoa. As contribuições que circulam nessas comunidades expressam o somatório das individualidades, percepções e racionalidades e contribuem para a constituição rizomática dos saberes, em permanente transformação. (p. 112-113)

A colaboração pressupõe diálogo entre os pares envolvidos. É o ponto de partida para o compartilhamento de anseios, objetivos, procedimentos. A maior colaboração entre os docentes é ponto crucial para o bom desenvolvimento das práticas educativas. Todavia Freire (2005) traz importante reflexão sobre a colaboração entre docente e discente, perpassando o diálogo, que é também ponto fundamental para garantir o melhor ensino-aprendizagem. Nas suas palavras

> O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.(p.91)

Ainda sobre o diálogo entre professor e aluno, é imprescindível que este se estabeleça de modo mais horizontal possível, respeitando os papeis de cada um no espaço escolar. O

professor detentor exclusivo do conhecimento e que apenas profere, sem a intervenção dos alunos, abre espaço a um professor mais dialógico. A diluição de informações faz com que os alunos estejam preparados e ávidos para dialogar, compartilhar da fala em sala de aula. O regime em sala de aula era de transmissão, mas com todas as transformações ocorridas nas relações sociais o regime em sala de aula caminha para um de colaboração. Sobre isso, D'Ambrosio (2010) considera que

> O professor que insistir no seu papel de fonte e transmissor de conhecimento está fadado a ser dispensado pelos alunos, pela escola e pela sociedade em geral. O novo papel do professor será o de gerenciar, de facilitar o processo de aprendizagem e, naturalmente, de interagir com o aluno na produção e crítica de novos conhecimentos. (D'AMBROSIO, 2010, p. 81)

Ao nos reportarmos à conceituação de colaboração, podemos perceber a sua importância para o trabalho docente e para as relações entre docente e discente. Pensamos no ato de ensinar como uma atividade humana, portanto nunca ocorrerá individualmente. O diálogo e o engajamento para um projeto comum são essenciais para o sucesso do ensino e aprendizagem. Podemos associar a importância da colaboração na docência às situações corriqueiras, como um convite para sair com amigos, ou ainda quando uma comunidade se une para fazer uma reforma na praça, ou retirar o lixo do local. Antes que tais medidas dessem certo todo um diálogo foi construído, objetivos comuns foram traçados. Em seguida ações coordenadas foram desempenhadas, tudo em prol da meta estabelecida. Por não poder, por vezes, contar com apoio e incentivo do poder público, os docentes podem buscar entre os seus pares o auxílio para melhorarem a sua prática. E porque não também estabelecer esse diálogo com os alunos, seus familiares e outros membros da comunidade escolar.

2.2 - Motivação

Para o desenvolvimento pleno do trabalho docente é reconhecido o papel da motivação. Seria o elemento que impulsiona o professor a exercer melhor a sua atividade. Sobre isso, evocamos Souza (2018) que cita Robbins (2009), que define a motivação como "a disposição para fazer alguma coisa, que é condicionada pela capacidade dessa ação de satisfazer uma necessidade do indivíduo."(p.48). Ainda nesse contexto podemos citar Bergamini (1997) quando esta afirma que

> A motivação é como uma força propulsora que leva o indivíduo a satisfazer suas necessidades e desejos; uma energia interna, algo que vem de dentro do indivíduo, fazendo com que este se coloque em ação. A motivação no trabalho leva os recursos humanos, além de buscarem satisfações pessoais, a realizarem os objetivos da organização. (p. 68)

Ainda sobre motivação, Wiesel (2005) salienta que a motivação é

> Um processo individual e fruto do nosso crescimento pessoal. A nossa evolução nos impulsiona para o desejo de possibilidades maiores, em que nada é trivial e tudo é útil para um significativo crescimento. A receita para grandes resultados está justamente nas pequenas coisas, dependendo, é claro, do foco que olharmos, do nosso grau de dedicação, esforço e da qualidade das nossas ações. Entender o processo de motivação humana, auxiliará na abertura de novos espaços, novas ferramentas para grandes descobertas, aprendizagens para viver melhor e vencer de uma forma que alguns seres humanos ainda não conhecem. (p.3)

Ou ainda no levantamento apresentado em Ferreira (2018)

> Vários autores também compartilham a ideia de que, no sentido lato, o termo motivação significa a ação ou o efeito de motivar, de dar motivos, de estimular o surgimento de interesses por algo ou para a vida das pessoas, de impulsionar a pessoa a apresentar um determinado comportamento (KAST eROSENZWEIG, 1970; STONER e FREEMAN, 1985; FERREIRA, 2001;CAVALCANTI et al., 2005; SALGADO, 2005; CASTRO, 2008). (p.29)

Entretanto, se analisarmos uma abordagem cognitivista, entram na conta da motivação os valores, opiniões e expectativas em relação ao que rodeia os sujeitos. A partir disso constroem representações internas. Nas palavras de Motta (1986)

> Os indivíduos possuem objetivos e expectativas que desejam alcançar e agem intencionalmente, de acordo com suas percepções de realidade. As intenções dependem das crenças e atitudes que definem a maneira de um indivíduo ver o mundo, ou seja, suas percepções. (p.124)

Em síntese, observamos que ao tratar sobre motivação diferentes autores concordam que a motivação é um fator que se origina do interior do sujeito, e diversos aspectos podem servir como gatilho. No trabalho docente a motivação parece ter ponto central, diante dos desafios do trabalho na educação. Com a falta de recursos e crescente desvalorização da categoria a motivação talvez seja o último recurso a quem os professores podem se prender.

A construção do conceito de motivação é complexa, pois é uma categoria difícil de se mensurar, se observar. É um elemento subjetivo, pois fatores que motivam determinado sujeito não iram motivar o outro. Embora reconheçamos o papel da motivação entendemos as inúmeras nuances que esta categoria nos traz. Entretanto, quando nos reportamos a

estudos pregressos sobre o tema observamos alguns consensos, como ilustrado por Ferreira (2018)

> Porém, apesar da pouca diferenciação significativa na estruturação da redação, há um consenso na definição da motivação como sendo o conjunto de processos implicados no impulso, na direção, na intensidade e na persistência do comportamento ou conduta (MITCHELL, 1982; PETRI, 1996; DÖRNYEI, 2000; TAMAYO e PASCHOAL,2003). (p.29)

Diferentes autores concluíram também que a motivação apresenta duas formas, a intrínseca e a extrínseca. Cada uma delas atuará no sujeito de forma distinta. Ferreira (2018) demonstra que

> [...] existem dois tipos de motivação, inicialmente identificados por Deci (1972)e posteriormente estudados por outros autores, tais como Frey e Jegen(2001) e Bénabou e Tirole (2003): a extrínseca e a intrínseca. (p.29)

Ferreira (2018), em seu levantamento, salienta que a motivação extrínseca se entende como

> [...] quando uma atividade é efetuada com outro objetivo que não o inerente à própria atividade; ela é afetada por valores externos à atividade, estando presente quando a realização de uma atividade por um indivíduo objetiva a obtenção de uma recompensa externa à atividade ou quando ele realiza essa atividade para evitar o fracasso (FERREIRA, 2018, p.29 e 30).

E a motivação intrínseca se caracteriza

> [...] pelo envolvimento e compromisso do indivíduo com a atividade por si só, devido ao prazer e gosto que ela produz, representando a atividade, nessas circunstâncias, um fim em si mesmo. Os indivíduos quando estão motivados intrinsecamente são movidos para a ação pelo interesse, diversão ou satisfação que lhe é inerente, em detrimento das recompensas ou pressões externas para realizar a mesma atividade(FERREIRA, 2018, p. 30).

Essas duas dimensões da motivação não ocorrem em separado, havendo uma complementaridade entre ambas. Apenas uma eventual recompensa ou prazer em desempenhar tal atividade não serão por si só, elementos de motivação.

A motivação é algo importante para o profissional do ensino, contudo reconhecemos que para o processo de ensino e aprendizagem a motivação do educando também é fundamental. Um aluno que não sinta interesse em estar no espaço escolar e tampouco em suas atividades e dinâmicas não aprenderá plenamente. E isto acarreta consequências importantes, como a indisciplina, a repetência e a evasão escolar. Um aluno motivado é peça crucial para o pleno funcionamento dos espaços educacionais. E a escola

ganha papel preponderante para promover a motivação de seus alunos. Tapia (2004) afirma que

> No ambiente escolar o aluno está motivado ou desmotivado, de acordo com seu interesse e condições dentro do ambiente escolar, ou seja, a escola deve proporcionar um ambiente com qualidade. (TAPIA, 2004)

A motivação é apresentada como um gatilho, um estopim que nos leva a desempenhar determinada ação. Entretanto observamos, pelos noticiários e pelos estudos acadêmicos na área, que o professor vem perdendo cada vez mais o seu gatilho, a sua motivação. O pouco que lhe resta, em nossa análise, advém de seu interior. Talvez nos deparemos com profissionais que tenham em si uma consciência política e social de seu trabalho. Pode ser que compreendam o impacto que suas ações e/ou omissões terão na vida de muitas crianças e jovens. Por apresentarem tal consciência talvez vasculhem no seu interior força restante para motivá-los a estarem em suas salas de aula ensinando da melhor forma. Trazendo ainda a discussão acerca da colaboração, exposta no tópico anterior, a ação coletiva pode contribuir para isso. Professores que compartilham seus dramas, dificuldades, limitações, podem juntos pensar em soluções. A ação coletiva pode ser um ânimo a mais para despertar em cada professor a última motivação que lhe resta.

2.3 - Usos das Tecnologias

Esse estudo tem, em um de seus objetivos, o de buscar o uso das tecnologias para aperfeiçoar o trabalho docente. Sobre Tecnologia da Informação, podemos defini-la como:

> uma área que utiliza a computação como um meio para produzir, transmitir, armazenar, aderir e usar diversas informações. Ou seja, é toda e qualquer tecnologia que gere o fluxo, o armazenamento ou o processamento de informações com o uso de softwares criados para diminuir o uso da mão de obra humana, fazendo com que o utilizador possa alcançar seus objetivos com maior facilidade. (SILVA et. al. 2016)

Em seu estudo, os autores ainda discorrem sobre o uso da Tecnologia da informação aplicada à educação, e mencionam que:

> O uso da TIC na educação escolar possibilita ao professor e ao aluno o desenvolvimento de competências e habilidades pessoais que abrangem desde ações de comunicação, agilidades, busca de informações, até a autonomia individual, ampliando suas possibilidades de inserções na sociedade da informação e do conhecimento (TEZANI, 2011, p.36 apud. SILVA et. al. 2016, p. 3).

Ainda em relação ao uso das novas tecnologias na educação observamos a sua importância e a colaboração para a melhor aprendizagem. É um instrumento que propicia

novas experiências de relação entre educador e educando, novas formas destes lidarem com o conhecimento, epistemologias. Toda uma mudança nas dinâmicas na sala de aula, entrando em consonância com o contexto, cada vez mais conectado. Sobre isso Oliveira (2016) destaca que

> As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo (MERCADO, 1999, p. 27, apud OLIVEIRA, 2016)

O uso das tecnologias propicia novas metodologias de trabalho, apresentando maior concretude para os educandos, o que indica melhora na aprendizagem. Numa sociedade cada vez mais ligada ao audiovisual não se pode prescindir desses recursos. Kenski (2012) afirma ainda que

> As novas tecnologias de comunicação (TICs), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado. (KENSKI, 2012, p.45)

Entretanto a entrada da tecnologia na escola pressupõe uma adequação estrutural, que vai desde a instalação elétrica, instalação de acesso à rede e aquisição de computadores e outros aparelhos eletrônicos aptos para o trabalho pedagógico. Para além disso, é de suma importância que a formação dos professores englobe disciplinas relacionadas ao uso das tecnologias para fins pedagógicos. O docente que domina esse recurso tem grande vantagem em relação àqueles que não se apropriaram dessa linguagem. O trabalho pedagógico fica cada vez mais imbricado às novas tecnologias. Sobre isso Fagundes (2005) reitera que

> Com o uso do computador tem que ser oferecidas “experiências de aprendizagem com as mesmas características das que ele terá de proporcionar aos alunos, futuros cidadãos da sociedade conectada”.
> Para que uma formação nesses moldes se efetive, os responsáveis pela formação inicial de professores precisam se apropriar dos recursos tecnológicos e reformular os espaços, tempos e organizações curriculares, na busca de um novo fazer pedagógico. (FAGUNDES,2005)

Sobre as novas tecnologias aplicadas à escola, vale ressaltar que Perrenoud (2000) quando descreve as Dez Novas Competências da Aprendizagem faz menção também ao uso destas. É um recurso fundamental na melhoria do processo pedagógico. Nas suas palavras

> [...] formar para novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e
> a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p. 128)

O assunto é evidenciado na recém-aprovada Base Nacional Curricular Comum, sendo nomeada de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). (BRASIL, 2017). No documento é expresso a cada vez mais crescente inserção das tecnologias em nosso cotidiano. Tal transformação impactaria nas dinâmicas da sociedade e por consequência no mundo do trabalho. Ainda manifestando tal preocupação, é afirmado na Base que:

> É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais. (BRASIL, 2017, p. 473)

Inclusive tal preocupação acerca do uso das tecnologias se materializa quando há dentro das competências gerais para a educação básica, tópicos que abordem as tecnologias.

> • pensamento computacional: envolve as capacidades de compreender, analisar, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções, de forma metódica e sistemática, por meio do desenvolvimento de algoritmos;
> • mundo digital: envolve as aprendizagens relativas às formas de processar, transmitir e distribuir a informação de maneira segura e confiável em diferentes artefatos digitais – tanto físicos (computadores, celulares, tabletes etc.) como virtuais (internet, redes sociais e nuvens de dados, entre outros) –, compreendendo a importância contemporânea de codificar, armazenar e proteger a informação;
> • cultura digital: envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica. (BRASIL, 2017, p. 474)

Em suma, o Ministério da Educação manifesta a necessidade de inserção das novas tecnologias no ambiente escolar, como componente curricular. Compreendem que a sociedade contemporânea está tão imersa nesses tipos de interatividade que a escola deve se apropriar disso e usar para o benefício do ensino. As tecnologias aqui não estão compreendidas apenas como um recurso para facilitar, mas como uma maneira específica de linguagem, de expressão. As tecnologias entram como conteúdo e não apenas forma. Há, entretanto, no documento oficial uma manifesta preocupação da socialização disso, de como tais elementos podem contribuir para a sociedade, o contexto que os educandos vivem.

Todavia, embora no discurso oficial se apresente a valorização do uso das tecnologias, na prática há ainda grande distância desse objetivo. As escolas brasileiras, em sua maioria, não apresentam infraestrutura adequada para receber as novas tecnologias, sem falar na maioria dos municípios que também não podem oferecer esse tipo de serviço. As escolas acabam por ficar sempre um passo atrás quando se fala em novas tecnologias, pois as formas de acesso, conteúdo e adesão dos sujeitos muda de forma muito rápida. Desta forma, por muitas vezes tais recursos adentram as escolas através do esforço extraoficial empreendido pelos professores, como veremos adiante nesta pesquisa. São os docentes que compram e levam para escola computadores próprios, caixas de som, por exemplo. Muitos fazem isso de forma a tornarem suas aulas mais dinâmicas, além de mostrar ao aluno outras formas de uso da tecnologia, para além do entretenimento e comunicação rápida.

2.4 - Professores Designer

Sobre o trabalho docente, buscamos o conceito de professor como designer de experiências de aprendizagem, um profissional que articule os estudantes, o meio escolar e o conhecimento. Sobre isso Martins (2016) afirma que:

> a proposta do Professor como um Designer de Experiências de Aprendizagem imbrica e favorece a noção de que este docente atua como um articulador das dimensões do cotidiano escolar concebendo, então, os estudantes (seus conflitos, subjetividades e saberes); o meio (sala de aula, espaços, mobiliário, materiais e insumos, recursos tecnológicos etc.); e o conhecimento como ingredientes a conjugar nessa proposta de ação. Portanto, isso significa que práticas do Design ajudam a qualificar a docência pois esta estratégia favorece a proposta de Alves colocando o professor em evidência como um articulador da complexidade de saberes, valores, sentimentos e modos de interação de cada espaço-tempo social. (MARTINS, 2016, p.172)

Tomando ainda o estudo de Martins (2016), a autora destaca a relação entre o design e a educação, uma abordagem educativa através do design. Ela cita o estudo de Davis (2004), sobre o uso do design nas escolas elementares nos Estados Unidos. É reconhecida a contribuição dos profissionais do design para as dinâmicas de sala de aula. Nesse estudo o design aparecia em três abordagens distintas: como conteúdo trabalhado, como projetos profissionais e como uma nova estratégia de ensino. Como resultado os professores participantes encontraram benefícios advindos do uso do design em suas práticas.

> • Aumento na competência de pensamento flexível dos alunos;
> • Promoção de aprendizagem autônoma e autoavaliação;
> • Desenvolvimento da capacidade de comunicação interpessoal dos estudantes;
> • Promoção de cidadãos responsáveis;
> • Envolvimento de conhecimentos da vida cotidiana dos alunos; e
> • Aumento do conforto do aluno com a incerteza. (p. 66)

Restringindo à esfera do uso do design nas estratégias pedagógicas, observa-se também benefícios, como

> • Transformou o professor de autoridade a facilitador;
> • Tornou a aprendizagem ativa;
> • Atingiu todos os tipos de aluno; e
> • Relacionou professores, áreas temáticas e comunidade. (p.66)

Entretanto o uso do design na escola apresenta desafios, dificuldades a serem vencidas para que aconteça uma implementação com qualidade. Sobre isso Martins (2016), ao citar o estudo de Davis (2004) ressalta os seguintes desafios:

> • Necessidade de uso de recursos nas escolas, incluindo o acesso dos professores a um controle tempo, espaço, planejamento e a alocação do orçamento;
> • Ampliação da formação de professores e apoio, incluindo a formação pregressa de professores, apoio pedagógico na escola, supervisão administrativa e recompensa para que o professor possa continuar usando esta pedagogia;
> • Aumento da credibilidade e evidências empíricas de que a política educacional considera esta pedagogia consistente;
> • Diluição da fragmentação do movimento da educação baseada no Design por meio da diminuição do isolamento de professores que usam esta abordagem e discussão sobre os benefícios de tal ensino, ampliação de recursos que podem apoiar estas empreitadas e o estabelecimento de uma comunidade para compartilhar as melhores práticas. (p. 66)

Em síntese, são reconhecidos os diversos benefícios do uso do design pedagogicamente, todavia esta demanda de vários elementos para que possa ocorrer. A

formação docente, seja a inicial ou a continuada, é de suma importância. Adicionar aos currículos dos cursos de licenciaturas tópicos relacionados ao tema seria um importante caminho. Outro desafio que se coaduna em demasia ao presente estudo envolve a questão de recursos e estrutura. Abordagens diferenciadas demandam maiores recursos, sejam os humanos e os materiais. Nem sempre a estrutura apresentada é adequada, seja para as abordagens tradicionais de ensino e menos ainda para as que se valem do design ou tecnologia. A busca por inovação e consequente melhoria de resultados perpassa, portanto, pela adequação dos recursos, seja pela formação dos docentes, seja pela estruturação das instituições de ensino, seus currículos e suas práticas.

Martins (2016), em sua pesquisa, enumera ainda uma abordagem educativa com o uso do design no Brasil. É a Educação através do Design – EdaDE, de Antonio Fontoura. É uma abordagem pautada no conceito do construtivismo. Essa abordagem foi amplamente estudada e alguns dos resultados obtidos concordam que:

> a formação das crianças pode ser complementada e enriquecida por meio de atividades de Design; que as atividades de Design estimulam o pensamento criativo/abdutivo das crianças; que o processo de ensino aprendizagem tornou-se mais dinâmico, significativo, autônomo e interdisciplinar com o uso de atividades de Design; que estas atividades permitem o desenvolvimento de habilidades manuais e mentais e propiciam o pensamento crítico e construtivo.

O objetivo dessa abordagem é a construção de conhecimentos e habilidades pelo espectro do design. É uma pedagogia que:

> adota o princípio de que toda criança vem à escola com uma bagagem própria de conhecimentos que, através das atividades de Design, serão integrados aos conhecimentos trazidos pelos colegas e aos desafios que a escola pode oferecer. A interação entre os diversos conhecimentos, visando um objetivo comum (a abordagem de um problema), pode ser viabilizada por um processo que caracteriza a atividade de Design. (MARTINS, 2016, p.78)

A EdaDE tem, como fundamento, o estímulo e a combinação das habilidades mentais e manuais, em que uma não se sobrepõe à outra. Sobre as habilidades mentais e manuais, considera-se que:

> Habilidades mentais, portanto, fazem referência à criação, percepção, resolução de problemas, verbalização, julgamento e vários tipos de pensamento (como o crítico e o criativo, ambos fundamentais para o Design); enquanto habilidades manuais estão ligadas à aplicação e desenvolvimento de conhecimentos tecnológicos: construção, utilização de equipamentos e ferramentas, representações gráficas. (MARTINS, 2016, p. 78)

Observa-se, no entanto, a abordagem apresentada por Fontoura evidencia o uso do design como conteúdo e forma. E o design se transforma num importantíssimo tema transversal, dialogando com todas as áreas do conhecimento presentes no contexto escolar, bem como no contexto dos educandos, seja no aspecto formativo escolar, seja no futuro profissional.

O conceito de professor designer é importante e um caminho a ser observado com atenção. Entretanto para trilhar este talvez seja necessária uma grande reprogramação de nossos sistemas de ensino, haja vista o investimento e formações necessárias. Todo conhecimento é bem-vindo para melhorar a situação de nosso ensino, porém as limitações nos processos gestores inviabilizam, ainda que temporariamente, o uso desses novos conhecimentos.

3. **MÉTODO**

Serão apresentadas as proposições metodológicas que apoiarão a realização desta análise acadêmica. O material coletado, assim como, as respectivas análises serão organizadas na dissertação que se pretende construir.

A presente pesquisa acontecerá no modelo Pesquisa-ação, onde os profissionais envolvidos porventura devem possuir um olhar crítico para que de fato possa-se construir e elencar características elementares, dando um olhar diversificado ao que se está estudando, evidenciando características bem complexas nas maiores possibilidades de tomadas de decisões. De acordo com MINAYIO (2008, p. 154).

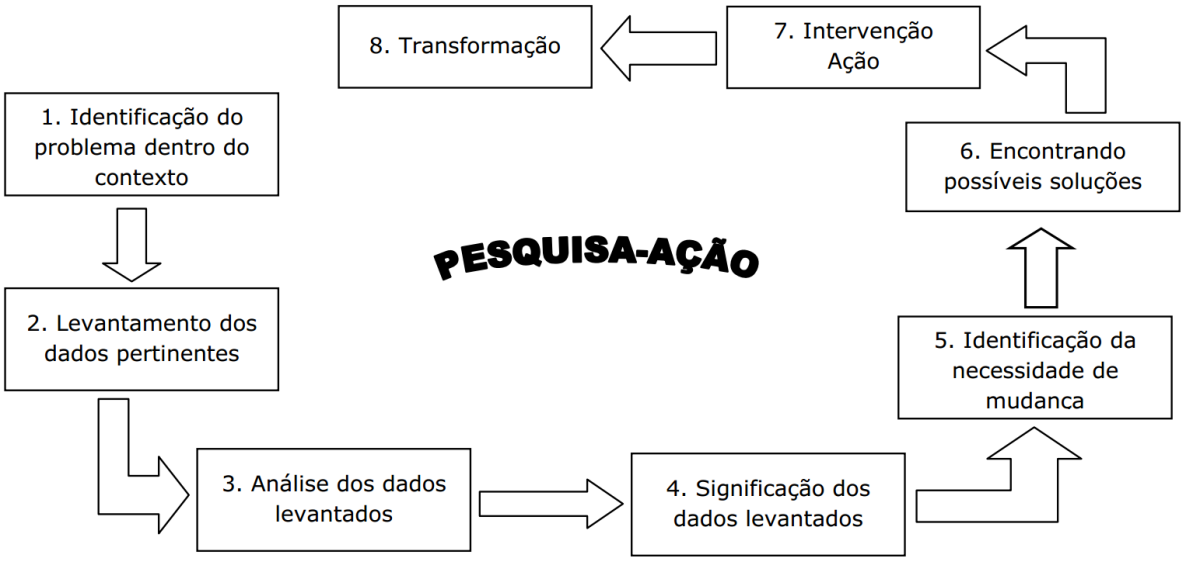
> As narrativas de vida nunca serão uma verdade sobre os fatos vividos e, sim, uma versão possível que lhes atribuem os que vivenciaram os fatos, a partir dos dados de sua biografia, de sua experiência, de seu conhecimento e de sua visão do futuro.

A pesquisa-ação é uma metodologia de pesquisa em que o pesquisador levanta os dados para sua análise, mas também participa e transforma a realidade pesquisada. Em outras palavras,

> Abarca um processo empírico que compreende a identificação do problema dentro de um contexto social e/ou institucional, o levantamento de dados relativos à prática no sentido de provocar a transformação. Coloca-se então, como uma importante ferramenta metodológica capaz de aliar teoria e prática por meio de uma ação que visa à transformação de uma determinada realidade. (KOERICH et. al. 2009, p. 718-719)

Os mesmos autores elaboraram um esquema que demonstra de forma didática os meandros da pesquisa-ação

Figura 6 – Esquema do processo da pesquisa-ação



Fonte: Koerich et. al. (2009)

A primeira etapa da pesquisa foi realizada com 6 educadores dos anos iniciais, dentre o universo de 18 docentes que a escola possui. O critério de escolha dos docentes foi aleatório. Consistiu de um grupo focal, com o objetivo de investigar desejos e necessidades específicas dos profissionais atuantes em relação ao contexto escolar e levantar possibilidades tecnológicas para desenvolvimento e/ou ressignificação de um dispositivo tecnológico. Segundo BAUER, M.W. & GASKELL, G. (2003, p.85).

> O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente. A procura e por temas com conteúdo comum e pelas funções destes temas. Algumas perspectivas teóricas falam de representações centrais e periféricas, sendo as primeiras aquelas que estão disseminadas dentro de um meio social.

O grupo focal é uma reunião roteirizada onde diversos tópicos são lançados e os pares discutem acerca desses tópicos. Nas palavras de Cotrim (1996)

> O grupo focal é um método de pesquisa qualitativa que pode ser utilizado no entendimento de como se formam as diferentes percepções e atitudes acerca de um fato, prática, produto ou serviços. O grupo focal não é, em geral, considerado adequado para estudar a frequência com que determinados comportamentos ou opiniões ocorrem. Trata-se de um tipo especial de grupo em termos do seu propósito, tamanho, composição e dinâmica. Basicamente, o grupo focal pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se alternam perguntas do pesquisador e resposta dos participantes. Diferentemente, a essência do grupo focal consiste justamente em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (que vai ser no caso o moderador do grupo). Uma vez conduzido, o material obtido vai ser a transcrição de uma discussão em grupo, focada em um tópico específico (por isso grupo focal). (p. 286)

No grupo focal com os professores presentes foram levantados alguns questionamentos referentes aos pilares que norteiam as Escolas do Amanhã. Foram feitas perguntas abertas aos participantes, que por ventura por se tratar de um diálogo, surgiram outros questionamentos e afirmações por parte de todos envolvidos no processo. A reunião foi gravada para capturar as falas dos participantes onde serão coletados dados que posteriormente serão analisados.

No entanto, para direcionar o grupo focal, previamente foram elaboradas as seguintes perguntas:

- Vocês conhecem as diretrizes das Escolas do Amanhã?
- Umas dessas diretrizes são trabalhar as aprendizagens de forma dinâmica, despertando curiosidades por meio de metodologias criativas e inovadoras. Você enquanto profissional da Escola do Amanhã recebeu alguma formação para atuar dessa forma no cotidiano escolar?
- Em relação ao mundo globalizado e tecnológico, onde você enquanto profissional das escolas do Amanhã insere a tecnologia no seu dia a dia?
- Vocês acham que recursos tecnológicos auxiliam seus trabalhos cotidianos e os desenvolvimentos dos alunos?
- Quais artefatos tecnológicos vocês utilizam e tem na escola?

Entretanto, no segundo momento aconteceram as análises do grupo focal utilizando análise de (Bardin, 2011) tendo como o primeiro passo uma transcrição dos dados com boa qualidade para que, posteriormente pudéssemos identificar de forma mais clara qual artefato utilizaríamos para a fundamentação da pesquisa, auxiliando os professores atuantes nesta unidade escolar. Segundo Bardin (2011, p.100)

> Com os dados transcritos, inicia-se a leitura flutuante. Em seguida, passa-se a escolha de índices ou categorias, que surgirão das questões norteadoras ou das hipóteses, e a organização destes em indicadores ou temas. Os temas que se repetem com muita frequência são recortados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados”.

Assim, com base nos dados coletados e analisados foi selecionado um recurso tecnológico para auxiliar a interação e a prática docente.

Portanto, após utilização do recurso será feita a avaliação dos benefícios alcançados.

Os professores participantes da pesquisa, seja no grupo focal, seja no desenvolvimento do grupo no Facebook, estiveram cientes de que participavam de uma pesquisa, sendo alertados sempre, a cada passo do estudo.

4. **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

4.1- PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Baseado em algumas verbalizações dos educadores no grupo focal foi feita uma análise de conteúdo. Bardin (2011) indica que a utilização de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados a inferência e interpretação.

A próxima etapa, realizada em seguida ao grupo focal, foi construir a tabulação das falas registradas naquele procedimento. A partir disso organizamos esse conteúdo por temas, e em cada tema estabelecemos o diálogo entre o que é manifesto pelos professores com o que o arcabouço teórico nos apresenta. Definimos então os seguintes temas para análise: (a) Pilares das escolas do Amanhã; (b) Trabalhar a aprendizagem de forma dinâmica, despertando curiosidades através de metodologias criativas e inovadoras; (c) Acesso à internet, computadores, comunicação e processo de formação : Alunos - professores e articulação com o material pedagógico e dinamização da rotina escolar; (d) Realidade local (Escola do amanhã de atuação) X realidades externas (Escolas do amanhã - diversas) - Profissionais, alunos em relação a rotina cotidiana; (e) Tema: Pilares da escola do Amanhã - Diretrizes - Modelo de implementação; (f) Tema: Lei de proibição de utilização de celulares e dispositivos móveis nas escolas municipais do Rio de Janeiro e (g) Cenário educacional problemático - Trocas entre profissionais viabilizando um melhor empenho no trabalho escolar - Sugestões para um melhor cenário de trocas e feedbacks entre os profissionais.

O tratamento dos resultados, a inferência e interpretação serão demonstrados nos quadros a seguir:

Tabela 1 - Tema: Pilares da Escola do Amanhã	
Definição: O projeto Escolas do Amanhã consiste em cinco pilares centrais: Educação em tempo integral; Participação da Comunidade - Bairro Educador; Forma dinâmica de aprendizagem - Método Uerê-Mello de Ensino; Programa de Ciências - Programa Cientistas do Amanhã; Saúde Escolar, buscou-se identificar se os educadores inseridos no projeto conheciam os pilares que permeiam as Escolas do Amanhã.	
Categorias	**Algumas verbalizações**

Desconhecem	- "[..]Eu não conheço as pilares das Escolas do Amanhã, nunca me foi apresentado, nem sabia que tinha uma diretriz específica para a Escola do Amanhã. [..]" - "[..]desconheço pilares específicas para um modelo de Escola do Amanhã"[..] -"[..]Eu também desconheço pilares direcionadas à estrutura da Escola do Amanhã. [..]" -"[..]também não conheço as pilares das escolas do amanhã[..]" -"[..]também desconheço essas Pilares das Escolas do Amanhã[..]"
Conhecem	Nenhum entrevistado afirmou conhecer o projeto

De acordo com as falas dos educadores, percebeu-se que nenhum deles conhecem os pilares que permeiam a Escola do Amanhã. Tal desconhecimento é uma evidência de problemas de implementação desse programa. Afinal espera-se que professores que atuem numa Escola do Amanhã deveriam conhecer os seus fundamentos. A implementação de uma política pública nem sempre, ou talvez quase nunca, atenda plenamente os objetivos manifestos. Sobre isto Lima e D'Ascenzi (2013) ao citarem Pressman e Wildavsky (1984) mencionam que:

> Essa imprevisibilidade deve-se às seguintes características do processo de implementação: em primeiro lugar, há uma multiplicidade de atores de diferentes tipos de organizações com interesses diversos, que são agregados para operar a política. Tais atores interagem em uma trajetória de pontos de decisão nos quais suas perspectivas se expressam. Em segundo lugar, os atores mudam com o passar do tempo. Isso faz que a interação também mude, pois mudam as perspectivas e a percepção que um ator tem do outro. Essa mudança de atores insere pontos de descontinuidade e de necessidade de novas e mais negociações. (LIMA E D'ASCENZI, 2013, p.103)

Em síntese, o projeto talvez tenha sofrido sinais de descontinuidade, visto que os professores afirmam não terem passado nenhum tipo de formação a respeito dos aspectos deste.

Tabela 2 - Tema: Trabalhar a aprendizagem de forma dinâmica, despertando curiosidades através de metodologias criativas e inovadoras	
Definição: Trabalhar a aprendizagem de forma dinâmica, despertando curiosidades através de metodologias criativas e inovadoras é um dos pilares da Escola do Amanhã, buscou-se identificar o que os educadores entendem sobre como trabalhar de forma dinâmica e se tiveram formação para trabalhar dessa forma.	
Categorias	**Algumas verbalizações**
Lúdica	- "[..] É trabalhar de uma forma lúdica [..]"
Audio visual	- "[..]é envolvendo o áudio visual, porque são alunos que têm muita dificuldade com abstrações[..]" - "[..]trabalhar com visualização, com projeção seria muito interessante[..]" -"[..]à Educopedia seria muito interessante porque ela tem um trabalho com músicas, trabalho com vídeos, trabalhos com plataforma interativa que você vai respondendo as perguntas de uma maneira dinâmica. [..]"
Melhor entendimento	-"[..]é dessa forma que eles aprendem, que eles retêm o conhecimento. [..]"

Formação	-"[..]Como eu falei, nós não tivemos nenhuma orientação referente [..]" -"[..]mas a gente não tem nenhuma formação sobre isso, na nossa formação de sexto ano a gente tem muito mais o trabalho de disciplina mesmo, das disciplinas do conteúdo a ser trabalhado e de exemplos de atividades a serem desenvolvidas. Mas referente à questão tecnológica não tem. [..]"

Em relação a um aprendizado mais dinamizado os professores concordam que é importante o trabalho diferenciado, baseado na interação entre os pares e dispondo dos mais variados recursos, em consonância com postulações descritas em Martins (1997) e Silva (2014). Contudo, houve um consenso quanto às limitações que o cotidiano impõe, quanto à falta dos recursos audiovisuais e acesso à rede. Apontam também a falta de formações e informações sobre novas metodologias e a própria plataforma online do sistema municipal, a Educopédia.

Tabela 3 - Tema: Acesso à internet, computadores, comunicação e processo de formação : Alunos - professores e articulação com o material pedagógico e dinamização da rotina escolar.	
Definição: Atualmente as novas tecnologias voltadas para educação contempla um cenário do aluno atual, onde eles podem estar articulando a vivência do material pedagógico com a dinâmica da rotina escolar.	
Categorias	**Algumas verbalizações**

Internet	**- "[..]escola não tem internet nas salas de aula [..]"** **-"[..]dinamização do processo de ensino aprendizagem, a ausência da tecnologia dentro do espaço escolar"[..]"** **-"[..]falta acessibilidade à internet, muitas apostilas têm indicação de links para visualização de vídeos"[..]"** **-"[..]A internet não temos, inclusive a própria direção escolar precisou adquirir um pacote de internet custeado com fundo próprio para que pudesse atender as demandas escolares"[..]"** **"[..]"Nos corredores, na sala, cada um usa a sua, o seu pacote de internet, se precisar"[..]"** **"[..]"não tem acesso de internet nos corredores, na sala de aula não tem"[..]"** **-"[..]E se tratando de modernidade, dessa proposta diferente, nós teríamos que ter isso disponível dentro da nossa estrutura escolar"[..]"**
Dispositivos móveis	**-"[..]Os alunos não podem usar nenhum dispositivo[..]"** **-"[..]Teria se fosse um recurso disponibilizado pela escola. Talvez se tivesse um notebook uma sala de informática, em que cada criança pudesse ter acesso a um computador. Teríamos um trabalho que poderíamos utilizar essa ferramenta auxiliando o nosso trabalho educativo[..]"** **t-"[..]temos muitas crianças como a professora falou, as Escolas do Amanhã estão inseridas em comunidades carentes, que não tem tantos recursos, então a gente nem pode fazer um trabalho esperando que o aluno traga esse recurso[..]"**

Celulares	**-"[..]Tem uma Lei Municipal proíbe. Tem uma proibição de uso de celular e qualquer equipamento eletrônico[..]"**
Computadores	**- "[..]"nós também não temos computadores "[..]"** **- "[..]"principalmente no contexto da Escola do Amanhã, ela torna o nosso trabalho engessado porque nós não temos computadores à disposição"[..]"** **- "[..]"os que existem, eles precisam ser divididos em horários compartilhados"[..]"** **-"[..]"a manutenção desses computadores, os poucos que tem aqui são precários, estão cheios de vírus"[..]"** **-"[..]"existe uma quantidade delimitada, onde eles são compartilhados de acordo com a demanda"[..]"** **-"[..]"é cedido por um determinado tempo e depois é devolvido, quando ele funciona ou quando está disponível, porque a quantidade não não dá vazão, não supre"[..]"** **-"[..]"a escola deveria dispor de um computador para cada dois alunos, para que compartilhassem o uso"[..]"** **-"[..]"salas de informática com os orientadores tecnológicos, onde a carga horária era dividida e havia um tempo destinado a essa parte de informática"[..]"**

Material pedagógico - Dinamização da rotina escolar	**- "[..]"o material pedagógico é um material relativamente fraco, e eu sempre estou buscando em casa trazer mais atividades para poder complementa"[..]"** **- "[..]"na escola eu não consigo planejar"[..]"** **- "[..]"São recursos meus próprios. Folha, tinta, tudo meu"[..]"** **"[..]"Ou traz em pen drive, cd, ou tem que baixar tudo em casa"[..]"** **- "[..]""O que a proposta da Escola do Amanhã que é esse ensino integral, deveria ser utilizado para isso acaba ficando restrita o tempo todo a aula com quadro, apostilas, livros e tudo aquilo que já era tão comum, ou seja bem tradicional"[..]"** **"[..]"Não há essa inovação como se esperava do projeto da Escola do Amanhã"[..]"**
Formação / comunicação escolar	**-"[..]"nós temos até ferramentas disponíveis de pesquisa, de atividade, mas elas não são bem divulgadas"[..]"** **professores que eu conheço não tem um conhecimento do Educoédia, do Rio Educa,** **- "[..]"Multi Rio, que são ferramentas à nossa disposição"[..]"** **- "[..]"elas acabam estando em desuso por conta desta falta de divulgação da da escola, falta de divulgação dos próprios capacitadores"[..]"**

Em relação ao acesso à tecnologia os docentes afirmam que o acesso à internet nas salas de aula é inexistente, a unidade não tem estrutura nesse sentido. Sobre os dispositivos

móveis, eles mencionam que há uma lei municipal que proíbe o uso destes pelos alunos e apontam também para preocupação de um eventual mau uso desse recurso, caso fosse permitido. Contudo afirmam que seria interessante que se disponibilizassem aos alunos o acesso a notebook, por exemplo, que ajudasse nas aulas. Conforme mencionado em SILVA et. al. (2016) o uso das tecnologias, nos dias atuais facilitaria bastante as práticas docentes. Na própria Base Nacional Curricular Comum (BNCC) também se menciona a importância das tecnologias no cotidiano escolar, haja vista que toda a sociedade cada vez mais se faz conectada. A escola estaria, portanto, um passo atrás e perdendo preciosas formas de interação com o conhecimento.

Em relação ao material escolar oferecido os docentes afirmam que é um material fraco e feito em qualidade inferior. Enfatizam a necessidade de complementar o que é oferecido com recursos próprios, e estes são produzidos em casa devido à falta de estrutura adequada, como internet, computador e impressora na unidade escolar.

Afirmam ainda conhecer algumas ferramentas do sistema como a Educopédia e o portal RioEduca, porém dizem haver pouca divulgação destes. E que mesmo que fosse divulgado não poderia ser trabalhado, pois mais uma vez a barreira da falta de infraestrutura se levanta. Pois assim voltamos à discussão acerca de políticas e sua implementação (LIMA E D'ASCENZI, 2013), pois vemos os efeitos adversos que políticas mal planejadas e implementadas podem trazer ao cotidiano.

Tabela 4 - Tema: Realidade local (Escola do amanhã de atuação) X realidades externas (Escolas do amanhã - diversas) - Profissionais, alunos em relação a rotina cotidiana.	
Definição: Comparação entre a realidade vivida em nossa unidade, qual percepção que o docente tem de sua unidade e a que ele tem acerca da rede.	
Categorias	**Algumas verbalizações**

Mesmas realidades	**- "[..]Acredito que são as mesmas[..]"** **- "[..]Mas a maioria das escolas eu acho que ainda não se atualizaram[..]"** **-"[..]Escola do Amanhã, ela acabou se tornando espaço com uma extensão de tempo de aula maior e que só trouxe para o aluno mais tempo para ele ter o que ele já tinha"[..]**
Realidades distintas	**- "[..]Parece que todas estão na mesma situação[..]"**
Profissional atuante	**-"[..]desgaste do profissional, que precisa por exemplo dar oito tempos de língua portuguesa, quando na verdade esses oito tempos eles poderiam ser revertidos em parte a uma atividade com cunho tecnológico, com jogos, com o lúdico [..]"** **-"[..]Pra gente como professor! Porque a gente se cansa, se desgasta[..]¨** **-"[..]**É um cansaço muito grande, problemas que advém desse cansaço diário, problemas de cordas vocais, problemas nervosos, cardiológicos, enfim**[..]¨**
Aluno da escola do amanhã	**-"[..] e rende menos ainda para eles como alunos; que têm tantos problemas. Eles têm problema de alimentação, uma série de carências e deficiências que a gente não consegue suprir[..]"** **-"[..] [..]"**

Organização/ Rotina escolar/ recursos pedagógicos lúdicos	**-"[..]Não tem por exemplo oficinas, sequer trabalham produção de texto de maneira lúdica, que se trabalhe matemática com os jogos[..]¨** **-"[..]com oito tempos, sete tempos só de conteúdo bruto, não rende"[..]¨** **-"[..]atividades quando elas acontecem é o próprio professor que traz. Uma proposta diferenciada para aquele dia, mas nada voltada no currículo, no currículo nós não temos nada para oferecer"[..]¨** **-"[..]Não há um parâmetro, deveria existir um parâmetro para ser seguido, dentro dos pilares desse conceito de Escola do Amanhã, mas como não há, cada professor improvisa a sua maneira e com seu próprio recurso[..]¨**

Analisando este tópico, ao serem indagados sobre semelhanças e diferenças de sua unidade para outras, os professores pensam haver problemas de natureza semelhante. Enxergam como uma dificuldade a sobrecarga de trabalho a que estão submetidos os profissionais dessas unidades, pois a ampliação de carga horária de alunos significou também a ampliação de demandas para esses profissionais. Alegam que a complementação da carga horária não trouxe atividades diferenciadas, como se esperava do projeto, mas houve apenas o aumento no tempo das aulas regulares. Isto geraria maior desgaste e desinteresse nos alunos, sobrecarregados das atividades cotidianas. Sobre a ampliação de carga horária e ensino de tempo integral, Moll (2010) considera que:

> Escola de tempo integral. Em sentido restrito refere-se à organização escolar na qual o tempo de permanência dos estudantes se amplia para além do turno escolar, também denominada, em alguns países, como jornada escolar completa. Em sentido amplo, abrange o debate da educação integral – consideradas as necessidades formativas nos campos cognitivo, estético, ético, lúdico, físico-motor, espiritual, entre outros – no qual a categoria "tempo escolar" reveste-se de relevante significado tanto em relação a sua ampliação, quanto em relação à necessidade de sua reinvenção no cotidiano escolar (MOLL, 2010).

Sendo assim, o autor concorda que se ofereçam no tempo complementar atividades amplas, que abarquem outras dimensões dos educandos, além da dimensão acadêmica. Espera-se uma mudança significativa no cotidiano escolar.

Contrariando essa perspectiva, o depoimento dos professores aponta para a ausência de atividades lúdicas, a não possibilidade do uso de jogos, a menos que o docente custeie tudo.

Outro tópico que surgiu durante o grupo focal diz respeito à preocupação que os professores demonstram sobre as condições dos alunos para além da escola. Mencionam que, além da ampliação deficiente da carga horária, os educandos não conseguem manter o ritmo de trabalho, pois apresentam carências nos campos afetivo, nutricional, cognitivo. Sobre a importância de se ampliar a carga horária e as carências que as crianças estão submetidas, Ribeiro (1986) já demonstrava grande preocupação, quando se propusera a desenvolver o projeto dos CIEP's

> Um fator importante do nosso baixo rendimento escolar reside na exiguidade do tempo de atendimento que damos à criança. (...) A criança das classes abonadas que tem em casa quem estude com ela, algumas horas extras, enfrenta galhardamente esse regime escolar em que quase não se dá aulas. Ele só penaliza, de fato, a criança pobre oriunda de meios atrasados, porque ela só conta com a escola para aprender alguma coisa. Aqui está o fulcro da questão: nossa escola fracassa por seu caráter cruelmente elitista. (RIBEIRO, 1986:13)

> A criança popular urbana, que vive em condições precárias, nas favelas ou nos bairros pobres da periferia, como em tantas outras regiões do Brasil, é essencialmente diferente da criança afortunada que vive nas áreas ricas. O pequeno favelado, comendo pouco e mal, cresce raquítico. Às vezes é até prejudicado por malformações, se a fome ocorre muito cedo ou se é demasiada. Sua fala é também peculiar e atravessada, aos ouvidos da professora. Toda a sua inteligência está voltada para a luta pela sobrevivência autônoma, em esforços nos quais alcança uma eficácia incomparável. A criança afortunada se desenvolve bem fisicamente, fala a língua da escola, é ágil no uso do lápis e na interpretação de símbolos gráficos e chega à escola altamente estimulada pelos pais, através de toda espécie de prêmios e gratificações, para aprender rapidamente. Uma e outra têm incapacidades específicas: o favelado, para competir na escola; o afortunado, para sobreviver solto na sociedade. Ocorre, porém, que todos vão à escola e ali competem; mas o menino rico não tem, jamais, de lutar pelo sustento, nem de cuidar dos irmãos, e raramente cai na delinquência. Nessas circunstâncias, um desempenho natural e inevitável é valorizado e premiado pela escola; o outro é severamente punido. (RIBEIRO, ibidem:13- 14)

Em suma, a fala dos docentes converge com a preocupação de Ribeiro sobre a relevância que o espaço escolar tem, quando uma parcela considerável dos alunos tem na escola sua única fonte de alimento, seu único acesso a uma informação sistematizada. E sendo assim como uma escola ou um projeto com funcionamento deficitário prejudica tanto

a esses educandos que dependem quase exclusivamente da escola, e aos profissionais, que precisam trabalhar além do necessário para suprir tantas faltas.

Tabela 5 - Tema: Pilares da escola do Amanhã - Diretrizes - Modelo de implementação	
Definição: Compreender até que ponto os docentes da unidade estão a par dos fundamentos do programa Escolas do Amanhã e quanto o conhecimento ou desconhecimento desses pilares afeta em sua prática.	
Categorias	**Algumas verbalizações**
Diretrizes - Ponto de partida	**- "[..]Eu fico muito surpreso, porque já estou indo para dois anos trabalhando nesse espaço e nunca soube que existia isso [..]"** **- "[..]Um pouco surpreso e frustração também, porque você sabe que tem todo um recurso que deveria ser empregado, toda uma forma de trabalhar e que simplesmente, creio eu, que não é por negligência.[..]"**
Formação - Capacitação	**- "[..] não tivemos capacitação [..]"** **- "[..]a única formação que temos é referente ao nosso seguimento sexto ano experimental, para falar de temáticas transversais[..]"** **- "[..]as dos três grupamentos iniciais foram em relação ao ciclo de alfabetização[..]"**

Desenvolvimento do aluno X professor	**-"[..] Ele fica limitado, assim como nosso trabalho também é limitado, o desenvolvimento do aluno também é, porque ele tem todo o potencial para que se fossem aplicadas estas tecnologias, esses recursos, esse diferencial, ele se desenvolvesse, ele se desenvolve dentro do que se espera no mínimo significativo com o que a prefeitura disponibiliza [..]"** **-"[..] isso poderia ser muito maior, poderia se estender se nós tivéssemos algo estrutural, melhor organizado e com mais recursos [..]¨**

Em relação aos pilares do projeto Escolas do Amanhã, notam-se problemas de natureza gerencial deste, no que diz respeito à sua implementação. Observa-se isso, pois os docentes alegam não terem sido informados, ao longo de dois anos de serviço, acerca dos fundamentos do projeto Escolas do Amanhã. Não há como saber o motivo, mas constata-se que a informação não chegou aos principais executores do projeto, aqueles que fazem interface com a clientela atendida, os educandos. Os docentes, ainda nesse sentido, apontam que não foram submetidos a nenhuma formação específica aludida às Escolas do Amanhã. Os profissionais concordam que essa ausência de esclarecimentos e formações, aliados à falta de recursos causa prejuízo aos educandos, carentes dessa atenção diferenciada e sujeitos possuidores do direito a uma educação de qualidade. Em relação aos problemas de implementação Subirats (2006) pondera que

> Se os objetivos são claros e meticulosamente definidos, recursos de todos os tipos são suficientes, o ambiente não é hostil e a disposição dos implementadores é boa, o desempenho a ser obtido da ação administrativa será ótimo. Na realidade, como já avançamos, os objetivos são inconsistentes e difusos, os recursos são sempre insuficientes, o controle é muito superficial e formalista, e as circunstâncias que envolvem o trabalho na Administração Pública tendem a ser desanimadoras. Alguns estudos empíricos (LIPSKY, 1980) mostram que os burocratas tendem a desenvolver três tipos de respostas para lidar com essa indeterminação:
> • Primeiro, geram certas diretrizes de ação que tendem a limitar a demanda, maximizar o uso dos recursos disponíveis e obter a resposta positiva da clientela do serviço para reforçar sua própria existência. Em geral, eles organizam seu trabalho de tal forma que ele é marcado nas coordenadas restritivas que a escassez de recursos representa;
> • Em segundo lugar, eles tendem a modificar seu trabalho, de tal forma que ajustam os objetivos do programa com os recursos disponíveis, reduzindo tais objetivos ou simplesmente modulando-os para as condições existentes;

> • Terceiro, eles modificam sua própria definição do que o serviço deve ser, a fim de acomodar o salto existente entre objetivos e resultados, e encontrar um eco positivo de seu trabalho entre a clientela do serviço. (p. 122)

Como bem pondera o autor, partindo do pressuposto de que os implementadores estão informados e comprometidos com o projeto ou programa em questão não haverá grandes empecilhos aos objetivos manifestos. Contudo as potenciais falhas na elaboração de uma política abrem brechas para gestores e executores moldarem os pressupostos e objetivos a uma série de fatores, como recursos, estrutura, interesses de natureza política, etc.

Tabela 6 - Tema: Lei de proibição de utilização de celulares e dispositivos móveis nas escolas municipais do Rio de Janeiro.	
Definição: Os docentes concordam acerca da importância do uso de recursos tecnológicos, contudo se deparam com limitadores, como a proibição do uso de celulares e demais eletrônicos em sala de aula.	
Categorias	**Algumas verbalizações**
Concorda/ Não concorda	**- "[..]Não, seria negativo. Como eles não tiveram esta cultura de na escola de utilizar estes recursos, eles não saberiam utilizar. Eles achariam que o celular era só para recreação mesmo [..]"** **- [..]"Mas não deixá-los à vontade, com celular na mão, não[..]"**

Positivo para os alunos/ Professores	**-"[..]Eles não têm este hábito de usar o celular como uma ferramenta escolar, como uma ferramenta de pesquisa, como ferramenta de estudo. Eles não tem[..]"** **-"[..]Eu acredito que a escola deveria ter uma sala de informática equipada com computador, impressora e um professor para dar aula e mediando[..]¨** **- "[..] Só com orientação mesmo, dentro de um espaço específico para aquele fim[..]"**

No presente tópico analisamos o olhar dos professores sobre o uso de recursos tecnológicos em sala de aula. Todos concordam da ampliação das possibilidades de trabalho caso os alunos tenham a sua disposição recursos tecnológicos, isso facilitaria o trabalho docente. Entretanto eles relatam a existência de uma lei municipal, a lei 4734/08, que proíbe que o aluno leve para sala de aula celulares, games, ipod, mp3, equipamento eletrônico e similar em sala de aula. Nesse ponto os docentes ponderam a necessidade de mediação no uso dos recursos tecnológicos, pois os alunos não teriam o discernimento para usa-los de modo compatível ao processo de ensino e aprendizagem. Relatam também a necessidade de haver, na unidade escolar, uma sala equipada com computadores, para que se desenvolvesse, minimamente, uma forma diferenciada de se buscar o conhecimento. Contudo, mudanças são necessárias para que efetivamente a tecnologia esteja a serviço da aprendizagem, e para tal:

> A educação em suas relações com a Tecnologia pressupõe uma rediscussão de seus fundamentos em termos de desenvolvimento curricular e formação de professores, assim como a exploração de novas formas de incrementar o processo ensino-aprendizagem. (CARVALHO, KRUGER, BASTOS, 2000, p. 15).

Portanto, todo um suporte, uma estrutura deve ser erguida para que a tecnologia possa ser utilizada de forma útil, que esta seja um valoroso recurso para melhorar o ensino e aprendizagem.

Tabela 7 - Tema: Cenário educacional problemático - Trocas entre profissionais viabilizando um melhor empenho no trabalho escolar - Sugestões para um melhor cenário de trocas e feedbacks entre os profissionais.	
Definição: A importância da colaboração entre os docentes para compartilharem práticas pedagógicas e recursos para um ensino e aprendizagem melhorados, apesar das dificuldades impostas.	
Categorias	**Algumas verbalizações**
Trocas entre profissionais	**- "[..]A gente troca né? Eu e a professora X damos aula para o segundo ano e a gente costuma trocar alguma coisa[..]"** **-"[..]Isso acaba não acontecendo de forma generalizada, acaba ficando restrito ao segmento[..]"** **-"[..]Como nós do 6º ano também, compartilhamos atividades, Somos cinco, porém não trocamos entre todos[..]"**

Feedback - Articulação de planejamentos, dispositivos, aplicativos para aprimoramento do trabalho pedagógico e sugestão para trocas	**-"[..] Poderia, tendo recurso.[..]"** **-"[..]Agora, tendo o recurso, a gente poderia trabalhar com plataformas digitais[..]¨** **- "[..]A gente poderia utilizar esta plataforma de fóruns com os professores, trocando planejamentos, trocando atividades [..]"** **- "[..]Essas novas tecnologias poderiam auxiliar a gente nessa troca[..]"** **- "[..]colocar textos, vídeos, uma página no Facebook, atividades [..]"** **- "[..]Uma página no Facebook por exemplo seria muito viável, onde a gente pudesse postar ali aqueles documentos que foram compartilhados[..]"** **- "[..]existe a possibilidade de cada um comentar, mas desde que isto seja uma coisa registrada, com planejamento escrito[..]"** **-"[..]É uma satisfação do que está acontecendo[..]"** **-"[..]O moodle, que a mesma proposta do Facebook, só que é uma ferramenta específica para isso, mas também poderia se fazer no Facebook[..]"** **Já existe a nível Federal na plataforma Paulo Freire, com qualquer professor pode ter acesso e pode colocar o seu plano de aula lá. Então poderia ser uma coisa mais local da nossa escola[..]"** **-"[..]Até porque aqui faz parte da nossa realidade. Então, a gente sabe uma atividade que funciona na sala da colega também vai funcionar a gente está**

	inserido dentro dessa comunidade, dessa realidade, então é muito mais fácil quando se tem uma coisa mais micro, menos macro e você consegue atingir muito melhor[..]" **-"[..]Até porque aqui faz parte da nossa realidade. Então, a gente sabe uma atividade que funciona na sala da colega também vai funcionar a gente está inserido dentro dessa comunidade, dessa realidade, então é muito mais fácil quando se tem uma coisa mais micro, menos macro e você consegue atingir muito melhor[..]"** **-"[..]Nesse momento utilizaremos infelizmente sim, com recursos próprios, celular, tablet, internet, nossos colegas passando para o outro que é como a gente no dia a dia trabalha. Advindo da gestão pública não tem. Ou a gente traz e custeia, ou não tem[..]"**

Aqui analisamos como os docentes, entre si, desenvolvem estratégias para terem o efetivo ensino e aprendizagem mesmo com a ausência de recursos e com os pilares do projeto Escolas do Amanhã deficitários. Há, entre os docentes que participaram da pesquisa, acordos de colaboração, em que compartilham entre si planejamentos, atividades, recursos. Concordam que os recursos tecnológicos podem auxiliar nessa colaboração entre os pares. Conhecem algumas plataformas de compartilhamento de conhecimentos e interação, como o moodle. Creem que o facebook pode ser uma importante ferramenta de compartilhamento, pois tem recursos interativos, que permitem o diálogo entre os pares. A colaboração se mostra um fator importante para que os docentes superem as limitações. Retomando Oliveira (2007), a colaboração permite um sistema de partilha de informações e ações, em que todos os envolvidos tracem objetivos comuns, e por consequência, pensem em conjunto em ações coletivas. O regime de colaboração desenvolvido pelos docentes na unidade, ao menos os entrevistados, talvez seja o que tenha garantido, minimamente, a continuidade do trabalho escolar desenvolvido.

4.2 – O FACEBOOK

Por estarmos desenvolvendo uma pesquisa-ação, pensamos também numa forma de intervenção na realidade estudada. Buscamos utilizar, junto com os docentes, alguma ferramenta em que todos pudessem compartilhar suas experiências, anseios, desafios, e que principalmente dialogassem a respeito disso tudo. Como pudemos perceber no grupo focal, os professores conhecem várias ferramentas nesse sentido, como os blogs, a plataforma Moodle e o próprio Facebook. Optamos pelo Facebook, pois este tem uma grande popularidade e apresenta uma interface bem familiar aos docentes participantes da pesquisa. Almejávamos a facilidade no acesso e no uso desse recurso. Que a construção de um grupo de partilha de experiências não se tornasse mais um empecilho para os professores, mas que fosse um facilitador.

O Facebook, como apresentado por Canabarro (2012) é uma rede social criada por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, em 2004. Essa rede fora criada para que os alunos da Universidade de Harvard pudessem compartilhar entre si informações. Em um mês ex-alunos e funcionários poderiam se cadastrar e o montante de inscritos passava dos dez mil. Em 2006 a rede foi aberta para todas as pessoas, se tornando um fenômeno. Daí por diante foi questão de tempo para empresas, desenvolvedores de aplicativos e outros também entrarem e se utilizarem desse recurso.

Desde o início o Facebook prima pela interatividade entre os seus usuários. Merece destaque o botão curtir e os comentários. O botão curtir seria um claro sinal de avaliação positiva.

O Facebook permanece em constante atualização e diversos recursos foram sendo implementados, como a criação de páginas. Estas seriam formas de reunir pessoas em torno de determinado assunto ou interesse. É possível também a postagem de fotos, vídeos e links externos, para compartilhamento de informações. O usuário tem, potencialmente, controle sobre a privacidade de tudo que é postado, podendo escolher quem pode ou não ver a sua linha do tempo no site. Dizemos potencialmente pois surgem inúmeras denúncias acerca de vazamentos de informações postadas pelos usuários do Facebook. (Canabarro, 2012)

Observamos, portanto, que o Facebook fora constituído justamente para o compartilhamento de informações, de forma análoga ao que nos propusemos nesse estudo. O que talvez nos difira dos idealizadores da rede são os objetivos estritamente educacionais de nosso projeto. E que não construímos uma ferramenta, mas estamos nos valendo de uma

para fazer cumprir nossos objetivos. Ainda em relação à nossa proposta o Facebook desenvolveu um setor chamado “Facebook para educadores”. Ali aparecem sugestões de como a rede social pode ser usada em prol das escolas, dos professores e da educação como um todo. Há ali dicas de como estabelecer comunicação com os pais, como fomentar um uso melhor da internet, dentre outros. (Canabarro, 2012)

A partir disso foi desenvolvido um documento pelo próprio Facebook listando sete formas que os educadores podem usar melhor a rede. Estas seriam: Ajudar a desenvolver e seguir a política da escola sobre o Facebook; Incentivar os alunos a seguir as diretrizes do Facebook; Permanecer atualizado sobre as configurações de segurança e privacidade no Facebook; Promover a boa cidadania no mundo digital; Usar as páginas e os recursos de grupos do Facebook para se comunicar com alunos e pais; Adotar os estilos de aprendizagem digital, social, móvel e “sempre ligado” dos alunos do século 21 e Usar o Facebook como recurso de desenvolvimento profissional. O documento traz alguns depoimentos de professores, alertando sobre a importância dos sete tópicos estabelecidos para o cotidiano. O documento foi veiculado originalmente em língua inglesa, mas é possível encontrar nos sites de buscas versão traduzida para o português. Nós tivemos acesso a esse documento numa etapa posterior a da escolha do Facebook para desenvolvermos o grupo. Porém percebemos alguns pontos convergentes entre os nossos objetivos ao usar essa rede social e o que os gestores desta apresentam como bom uso. Observemos principalmente o sétimo tópico, sobre desenvolvimento profissional, quando é manifesto que:

> Em primeiro lugar, você pode usar a página do Facebook in Education (facebook.com/education) como um local para aprender e compartilhar práticas recomendadas, estratégias de ensino ou dicas sobre como usar o Facebook e outras tecnologias sociais na sala de aula. Esta página tornou-se um canal de desenvolvimento profissional em que milhares de educadores compartilham ideias, inspirações e soluções.
> Você também pode criar um grupo no Facebook para os professores da associação da sua instituição de ensino, distrito ou matéria. Com isso, surgem oportunidades sob demanda para desenvolvimento profissional, troca de conhecimento e capacidade de compartilhar conteúdo facilmente ou até mesmo seus arquivos do Microsoft Office com o aplicativo Docs.com do Facebook. (PHILLIPS, BAIRD, FOGG, 2015, p. 15)

Observa-se que no próprio documento é indicado que os professores, em seus locais de trabalho, podem e devem desenvolver espaços para socialização de suas práticas e experiências. Temos uma evidência de que o Facebook demonstra preocupação com a

educação, tanto para os educandos quanto para os educadores. Talvez almejem que esta rede social se faça presente e popular entre os educadores, para finalidades educacionais.

Percebendo a força interativa que o Facebook apresenta criamos um grupo com o nome de "Experiências e trocas de Atividades, Projetos e situações da Vida escolar". Este grupo tem a privacidade configurada como secreta, pois assim, inicialmente, apenas os membros podem encontrar o grupo nas pesquisas do site, ver os participantes e o que é publicado.

O processo de criação e configurações iniciais do grupo foi rápido. O nome do grupo foi pensado de modo a explicar, espontaneamente, a função do mesmo. Em seguida foram convidados alguns dos professores participantes do grupo focal, bem como alguns outros professores, que demonstraram interesse na pesquisa desenvolvida.

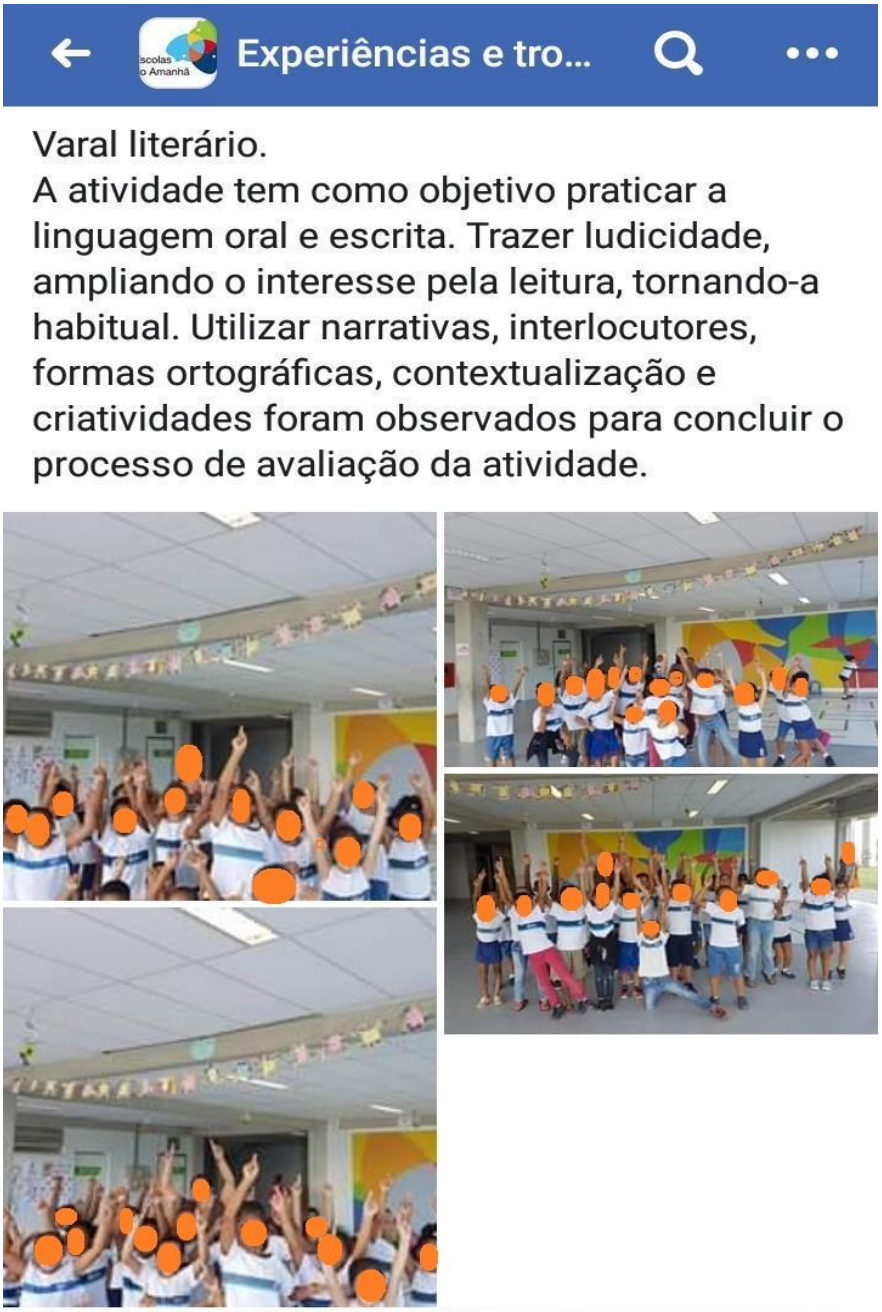
Participam do grupo até o momento oito membros. Destes um é professor especialista na área de artes e os demais são professores generalistas nos Anos Iniciais do ensino fundamental. A escolha teve caráter aleatório, mas ainda assim contemplam várias etapas dos anos iniciais do fundamental, com professores de primeiro, segundo, terceiro, quarto e sextos anos da unidade escolar pesquisada. O intuito do grupo é que os professores compartilhem algumas de suas atividades desenvolvidas. Esperava-se que houvesse respostas por parte dos demais participantes.

Logo que os professores aceitaram o convite de entrar no grupo foram reunidos para que esclarecêssemos como seria o funcionamento do grupo. Deixamos claro que os docentes eram livres para postarem suas experiências, sem preocupação com periodicidade ou assiduidade. Mas salientamos que se lembrassem, sempre que desenvolvessem uma nova experiência, de compartilhar no grupo. Sugerimos também que compartilhassem dilemas, desafios, desabafos, de modo a gerar também o diálogo acerca dessas questões. Todavia o grupo demonstrou maior interesse em compartilhar as atividades desenvolvidas de maneira diferenciada do habitual em sala de aula. Eles compreenderam, talvez, que o grupo fora desenvolvido apenas para esse tipo de compartilhamento.

O grupo fora criado em fevereiro de 2019, logo após o retorno das aulas na unidade pesquisada. Desde então é habitual que ao menos um professor compartilhe uma atividade proposta e em seguida surjam comentários. Ainda que algumas postagens aparentem não demonstrar grande interesse dos pares, com poucos comentários e envolvimento, no geral a rotina de postagem, reações e comentários se apresentou de maneira bem aparente. Não estipulamos prazos para encerramento do grupo, então podemos dizer que até o presente momento o grupo está ativo e recebendo atualizações de seus participantes.

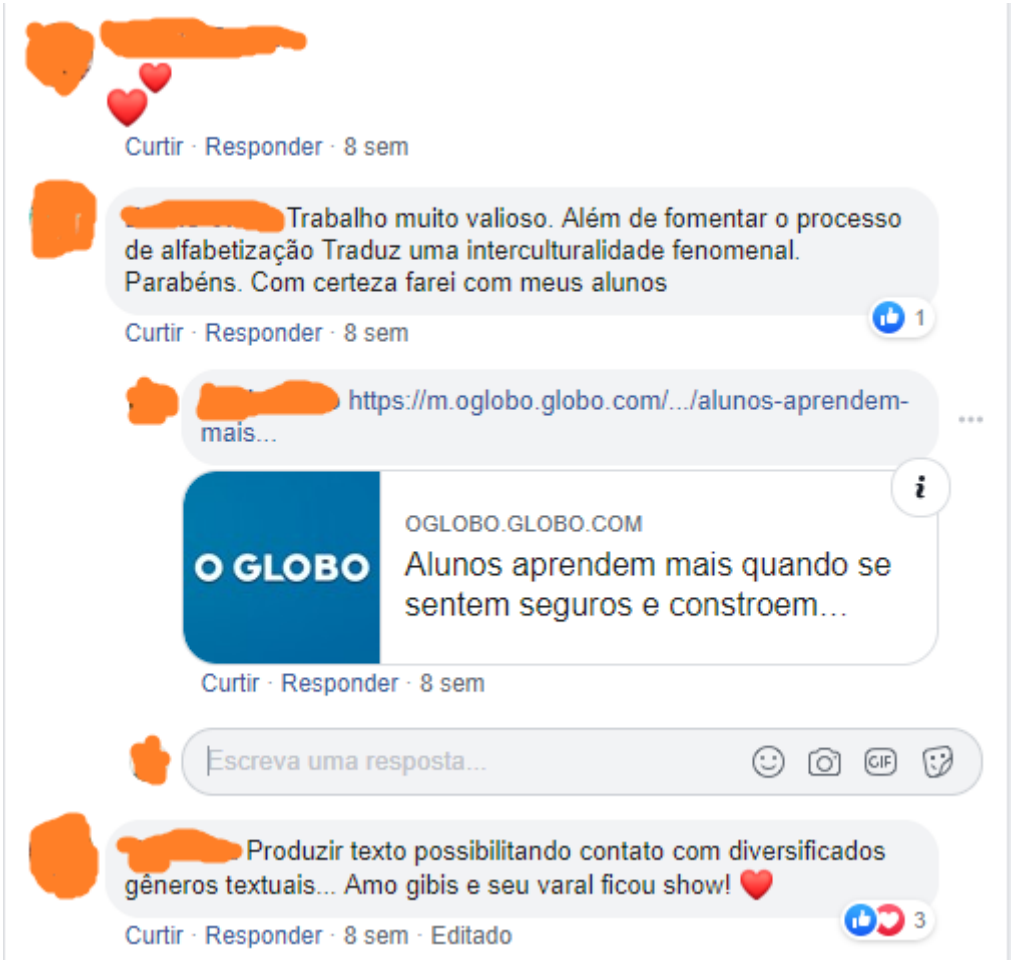
As postagens demonstraram certa regularidade, ao que os docentes sempre postam várias fotos das atividades, sempre precedida de um texto em que se descrevem os objetivos e recursos utilizados. A quantidade e qualidade de comentários foram satisfatórias, onde foi percebido o interesse dos pares nas atividades em questão. Na imagem abaixo observemos um exemplo de postagem no grupo

Figura 7 – Postagem no grupo Experiências e trocas de Atividades, Projetos e situações da Vida escolar



Fonte: Facebook

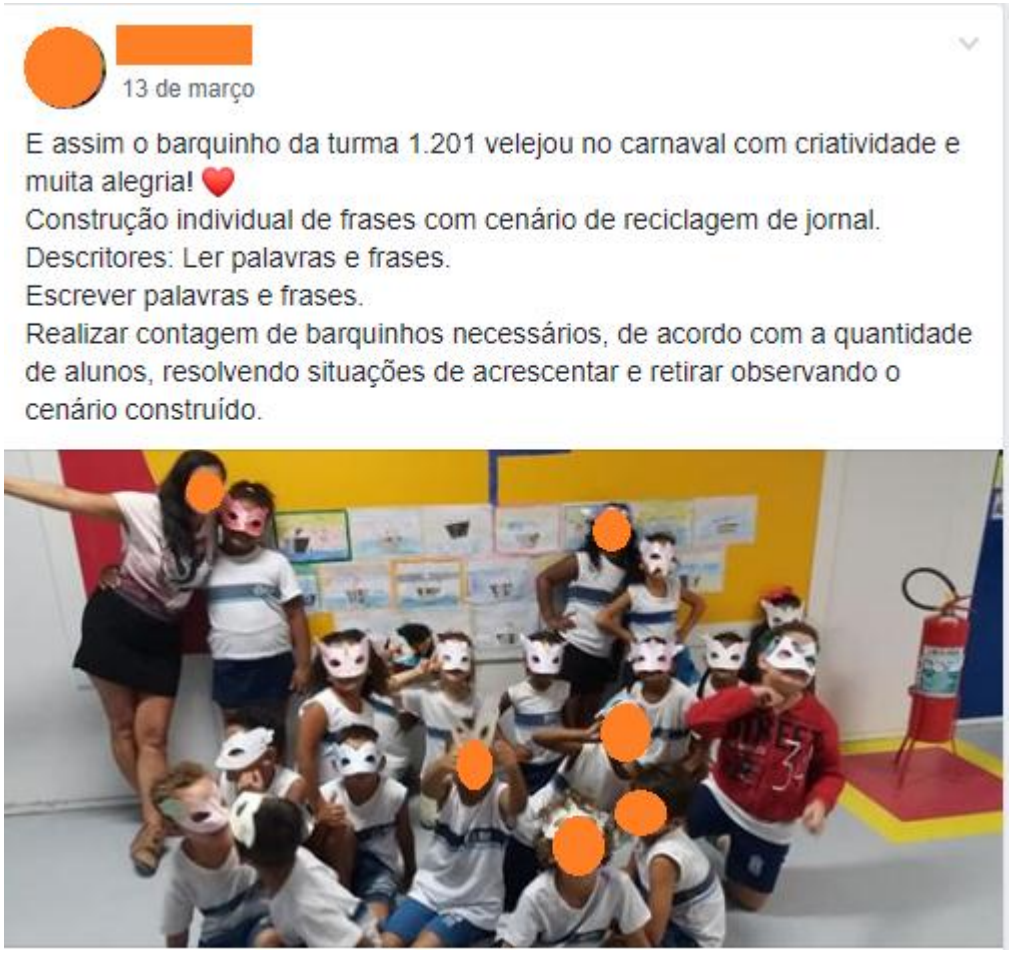
Figura 8 – Comentários sobre a atividade



Fonte: Facebook

Analisando a postagem, vemos a descrição da atividade, bem como os objetivos propostos e as fotografias. Estas estão encobertas, pois apresentam menores de idade, e para veicular fotos de menores é necessária autorização dos responsáveis. Na imagem 8 vemos os comentários dos demais participantes do grupo. Notem que existem os comentários que dialogam sobre a atividade e um dos docentes posta um link externo, mostrando a contextualidade e importância da atividade proposta para os educandos.

Figura 9 – Outra atividade apresentada no mesmo grupo do Facebook



Fonte: Facebook

Figura 10 – Comentários acerca da atividade



Fonte: Facebook

Notamos aqui, mais uma vez, a repercussão que a postagem inicial gera, de como os docentes se motivam a comentar sobre a atividade, o interesse que apresentam. Mesmo sabendo das dificuldades de recursos, eles nem tocam nesse ponto ao comentarem. Ao contrário, demonstram interesse em também fazer atividades semelhantes.

Analisando as postagens e, principalmente os comentários, podemos notar a abertura de um espaço virtual em que os pares dialogam acerca da prática apresentada. Por muitas vezes a rotina escolar não permite que os professores disfrutem de determinado

tempo juntos para que possam debater. O isolamento de cada professor em sua sala parece cada vez mais frequente. A ferramenta parece amenizar esse problema e trazer benefícios, como descrito por Kenski (2003). A referida autora menciona que o trabalho desenvolvido de forma coletiva proporciona aos envolvidos aprendizados de interação, em que podem lidar melhor com as diferenças. Pode despertar ainda o sentimento de empatia entre os docentes, fazendo com que reconheçam as realidades alheias a cada turma. Esse espaço virtual de diálogo também reforça o laço entre os professores, que se constituem como uma categoria. O diálogo, conforme observamos em Freire (2005) é imprescindível nas relações humanas. Se configura aí a combinação de pensamento, planejamento e ação. Espera-se que em uma escola se desenvolva um espaço de solidariedade entre os membros de sua comunidade, de forma que todos compartilhem de um projeto coletivo, que todos "remem" visando chegarem ao mesmo ponto.

Embora se tenha demonstrado, por parte dos pesquisados, certo consenso sobre os benefícios do desenvolvimento do espaço virtual para discussão e compartilhamento de experiências observamos que nem todos os integrantes do grupo tiveram participação assídua, tanto no compartilhar algo como em comentar a postagem de outro. Infelizmente temos limitações para compreender o motivo de participar ou não, mas podemos levantar algumas questões como: o professor pesquisado tem sua prática pedagógica pautada num olhar mais tradicional, em que se abre pouco espaço para atividades diferenciadas. Podemos pensar também na falta de confiança do docente quanto à política de privacidade do Facebook, e este acabaria por temer uma exposição de alguma prática, fato ou opinião ali postados. Devemos levar em consideração também uma eventual reduzida familiaridade com esse recurso, ou limitação de acesso. Outro fator que não pode ser ignorado é o cansaço, ainda mais sabendo que o acesso na escola é restrito, seja por questão legal, seja por questão estrutural. Então provavelmente esse profissional teria de acessar e participar do grupo fora do local de serviço, talvez até mesmo na própria residência. Em suma, são questões que merecem, a partir desse estudo e em trabalhos futuros maior atenção, para que possamos aperfeiçoar o uso do instrumento, ou procurar outras plataformas.

Conforme já mencionado nesta seção, o diálogo entre os professores se torna complexo diante da falta de tempo para encontros e trocas desta natureza. Deste modo o recurso digital veio para suprimir ou reduzir ao máximo essa problemática. Devemos lidar com a atual condição, de que as novas tecnologias nos permitem novas formas de interação. Conforme observa Tezani (2011) o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação permite aos professores e demais envolvidos amplia as formas de se comunicar, dinamiza a

busca e compartilhamento de informações. O uso do Facebook, havendo bom planejamento e definindo procedimentos de utilização, colaboram e muito na construção de um espaço de diálogo, em que os professores podem se reforçar como categoria, ao compartilharem seus conhecimentos, limitações, sugestões, boas práticas. Até vemos iniciativas oficiais nesse sentido, como o Portal do Professor, desenvolvido pelo MEC. Ali qualquer professor pode se cadastrar e ter acesso a muitas aulas, de todas as áreas, bem como podem postar a própria aula. Contudo ela requer uma familiaridade maior com ferramentas da internet e tem uma interatividade comprometida. O Facebook, pela sua grande popularidade, pode ser um grande aliado na construção desses espaços virtuais de diálogo entre profissionais de determinada categoria, repartição ou outro agrupamento qualquer.

Todavia o Facebook é uma rede social que demonstra alguns problemas e estes podem, até certo ponto, prejudicar no propósito de promover a integração e colaboração entre os professores. São crescentes as denúncias acerca de vazamentos de dados confidenciais de usuários. Obviamente isto é bastante preocupante, principalmente quando se envolve a exposição de trabalho com menores de idade e também quando se almeja a partilha de vivências, questões mais individuais, enfim.

Entretanto essa rede pode auxiliar na prática educativa, tornando-a mais aberta, autônoma e colaborativa. O Facebook pode favorecer uma educação mais humanizadora, crítica e coerente, quando permite aos usuários a possibilidade de compartilhar e debater ideias.

Retomando o problema de nosso estudo, pudemos observar que o Facebook e o grupo de discussão, exclusivamente, não serão capazes de dirimi-lo. A falta de estrutura e investimentos, bem como a não clareza nas propostas pedagógicas do sistema não serão suplantadas apenas com um espaço de discussão e ampliação de ideias. Ainda que a ferramenta venha a auxiliar nas práticas docentes não dá ao professor base necessária para garantir o efetivo ensino e aprendizagem.

Deste modo, antes da ferramenta propriamente, os professores tem de ter a consciência do poder da colaboração, e como dialogar e buscar grandes objetivos comuns pode tornar o trabalho docente melhor. Embora as práticas sociais, políticas e institucionais atuais nos levem ao individualismo devemos, literalmente, remar contra a maré. Temos em um dos nossos objetivos a ampliação do uso do Facebook como ferramenta de dialogo entre os docentes. Contudo percebemos que esse diálogo deve ser desenvolvido anteriormente, no cotidiano, na práxis escolar. Esse talvez seja o primeiro grande desafio a ser superado, para posteriormente aprimorarmos a ferramenta.

Para o propósito inicial desse estudo a rede nos serviu satisfatoriamente, entretanto se quisermos ampliar e tornar isso uma rotina na escola pesquisada devemos pensar em outras possibilidades de redes sociais, softwares e outros afins para desenvolvermos essa rede de colaboração.

4.3 – AVALIAÇÃO DO GRUPO DO FACEBOOK

A partir da implementação do grupo e da consequente participação dos docentes é pertinente desenvolvermos a avaliação deste. Damos, no entanto, espaço para que os docentes possam expor suas impressões acerca da ferramenta utilizada, de quais contribuições trouxeram. Quais transformações, facilidades, dificuldades, enfim, todo tipo de impacto advindo da implementação do grupo.

Ao todo oito professores devolveram seus relatos, por escrito, sobre o uso do grupo. Eles foram convidados a responder as seguintes questões: "A partir de sua participação e criação de um grupo na plataforma Facebook, houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxílio no processo escolar? Acerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar comente essa experiência, sugerindo um aprimoramento para o recurso. Outra questão trazida: Enquanto participante do grupo você foi um participante assíduo? Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso? Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica? Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Analisando as devolutivas, na questão relativa à interação dos envolvidos todos concordaram que a mesma aumentou e propiciou maior integração entre os docentes e permitiu mais espaço para discussão de ideias. Vamos destacar as falas de alguns docentes pesquisados

> A experiência de compartilhar boas práticas na rede social Facebook foi bastante proveitosa no sentido de permitir a integração entre docentes, a discussão de ideias e a criação de um coletivo que colabora mutuamente para o aprimoramento de metodologias envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. (Docente 1)

> As interações ocorrem a todo instante possibilitando adaptações das sugestões das atividades desenvolvidas pelos colegas de acordo com a turma e o nível de escolaridade. (Docente 3)

> Houve trocas diárias de excelentes atividades desenvolvidas em sala de aula e fora dela. (Docente 4)
>
> Está sendo de grande valia, pois os envolvidos compartilham saberes e atividades de forma que os recursos utilizados sejam de fácil acesso (...) (Docente 5)

Em relação às contribuições, os docentes apontam para a possibilidade de estímulo a uma formação continuada entre os pares, a reflexão acerca da atividade proposta, o intercâmbio do conhecimento, o crescente uso de plataformas digitais para pesquisa, dentre outros.

> Esta iniciativa estimulou a formação contínua dos professores (...) A partir do momento em que o docente, nesta plataforma social, escreve sobre o que faz (...) ele se encontrará em um processo de reflexão sobre sua prática docente. (Docente 1)
> (...) pois possibilita a troca e o intercâmbio do conhecimento. (Docente 2)
>
> (...) faz com que pesquisemos em plataformas digitais novas ideias que contribuem e alicerçam o trabalho/tarefas dados em sala. (Docente 5)
>
> A contribuição mútua de trabalhos desenvolvidos foram extremamente enriquecedores das práticas de ensino e das experiências interpessoais de professores. (Docente 6)
>
> Esse grupo buscou minimizar esse isolamento, proporcionando um intercâmbio de ideias e atividades permitindo contribuições mútuas entre os docentes. (Docente 8)

Em relação aos impactos na prática docente, destacaram os professores questões como o compartilhamento das atividades, sem, no entanto, o foco no resultado final. Permite o olhar diferenciado sobre a atividade, abrindo novas possibilidades, dá-lhes a condição de buscar inovações no dia-a-dia.

> (...) permitiu principalmente o compartilhamento do processo sem focar somente no resultado final. O processo, as tentativas, as ideias que ainda estão nascendo, as possíveis falhas, tudo isso teve espaço nesse grupo. (Docente 1)
>
> Contribuições pedagógicas enriquecedoras que nos abrem um leque de possibilidades e inovações no dia-a-dia. (Docente 4)
>
> O olhar diferenciado sobre essa ou aquela atividade pode abrir um leque e interligar várias disciplinas com o objetivo de fazer um trabalho integrado. (Docente 3)

Conseguinte, os professores são convidados a apresentarem sugestões para a plataforma. Um elemento que aparece com grande frequência é a ampliação do acesso ao

grupo, tanto para os demais professores quanto para outros membros da comunidade escolar, como os responsáveis e/ou alunos, por exemplo. Alguns ainda mencionam o uso de outras plataformas.

> É válido sugerir ainda a extensão desta proposta a outras plataformas como o Whatsapp ou Instagram, uma vez que alguns profissionais têm maior afinidade com um mecanismo e menor com outro. (Docente 7)
>
> (...) sugiro a criação de um grupo bem maior, que abarcasse as escolas do país inteiro. Assim seria possível trocarmos experiências, aprendermos uns com os outros e crescermos profissional e pessoalmente. (Docente 6)
>
> Como sugestão, fica a ideia de talvez permitir que os alunos e pais também possam interagir de alguma forma, assim passam a valorizar o trabalho do professor, da escola e dos funcionários, além de se reconhecerem como sujeitos importantes nesse ambiente de aprendizado. (Docente 1)

Prosseguindo a análise, sobre a assiduidade no grupo a maioria dos registros destaca uma participação limitada, com poucas publicações, focadas mais em comentar a postagem de outrem. Há ainda casos em que os docentes justificam a pouca participação pela falta de tempo, pela preocupação em se expor.

> Sim. Sempre verificava as postagens dos participantes, curtia e comentava. Constatava a qualidade dos trabalhos mostrados
>
> Não tão assíduo. Minha carga de trabalho totaliza 60h por semana, o que inviabiliza o uso contínuo das redes sociais.
>
> Na medida do possível sim.
>
> [...] confesso que não gosto muito de exposição, principalmente no local de trabalho e redes sociais.
>
> [...] compartilho de forma assídua compartilhando atividades que desenvolvi[...]

A questão seguinte, que tratava dos momentos de silêncio observados no grupo, os docentes apresentam algumas possibilidades como: as demandas do dia a dia, falta de tempo, ou um momento natural devido a necessidade de se planejar atividades diferenciadas, indiferença em relação às postagens. Importante observar que as explicações se concentram mais em aspectos pessoais dos envolvidos do que necessariamente pontos da rede social utilizada.

> Talvez por motivo de admiração demais ou por indiferença em não colocar-se. Nas redes sociais a interpretação das publicações muitas vezes pode ocasionar muitas divergências.
>
> Talvez devido as demandas do dia a dia, em períodos muito atarefados tanto na vida pessoal quanto pedagogicamente.

> Algumas vezes. Acredito que por falta de tempo.

Adiante, quando perguntados diretamente sobre o quanto usaram e a justificativa para o tempo de uso os docentes afirmaram que usaram em menos tempo. Como justificativa mencionaram o fato de não gostarem da exposição, a falta de tempo, a qualidade da conexão, a intercalação com outras atividades da rotina.

> Falta de tempo, dada a carga horária de trabalho diária.
>
> Não gosto muito de me expor.
>
> Exposição!!! Que minha personalidade tenta prevenir-me pois acredito que rótulos sejam positivos ou negativos [...]
>
> A falta de tempo em casa, com boa internet para postar com calma os trabalhos.
>
> Usei de forma moderada, intercalando com outras atividades da minha rotina.

Na última questão, foram indagados sobre quais outras ferramentas utilizam. Mencionaram o Whattsapp, Instagram, Youtube, notebook, Datashow, Messenger, tablet, email.

O que podemos perceber, fazendo uma leitura ampla, é que a plataforma e o grupo desenvolvido foram bem aceitos pelos docentes. Aparentemente compreenderam a proposta e apresentaram moderada participação.

Quando nos reportamos às avaliações por escrito vemos nitidamente toda a discussão apresentada acerca do conceito de colaboração. Eles perceberam a importância do diálogo no processo educativo, tal e qual Freire (2005) sempre defenderam. Nesse contexto, a troca de experiências não foi uma tentativa de um convencer o outro, mas foi desenvolvido um diálogo e ressignificações acerca do que foi apresentado. Permitiu aos professores repensarem suas práticas e refletir sobre a aplicabilidade ou não da atividade à sua turma. O conhecimento foi feito para ser compartilhado, e que seja da forma mais dialógica e interativa possível. (Freire, 2005).

Nesse interim percebemos como esta ferramenta e a construção de um diálogo podem se tornar elementos de motivação para os docentes. Ela pode tanto funcionar de modo extrínseco, como também pode despertar um sentimento interior, trazendo a motivação intrínseca. Seja como for, quando os professores são convidados a exporem suas atividades e em simultâneo podem ver e comentar as dos colegas eles são, de alguma forma, estimulados, e isso os motiva a mudarem suas práticas.

Embora as avaliações, no geral, tenham se mostrado positivas devemos destacar que durante alguns períodos o grupo apresentou um número menor de postagens e pouco ou nenhum diálogo entre os demais participantes. As falas dos docentes quanto a esse eventual silêncio e a participação moderada no grupo podem ser organizadas em duas esferas, a do próprio Facebook e a esfera pessoal.

Em relação ao Facebook a questão mais evidenciada foi o temor da exposição. Este aparece de duas formas. Primeiro quando alguns docentes afirmam que postam pouco pelo receio; e outra forma, que observamos por inferência, é quando os docentes limitam a participação aos comentários de publicações de terceiros. Pensamos haver um indício de temor da exposição, do julgamento dos demais colegas. Isto pode ser um impeditivo para a ferramenta ser mais utilizada, principalmente em criar novas postagens.

Em relação à esfera pessoal nos deparamos com a barreira do tempo e da rotina de cada um. Os docentes alegaram, quase em uníssono, a questão do tempo como um limitador da participação no grupo. As demandas do trabalho na escola são muitas e talvez o pouco tempo que sobre os docentes prefiram estar fazendo outras coisas, passando o tempo com a família, atividades de lazer. Embora haja um caráter pessoal nessa justificativa devemos pensar também na questão estrutural da escola pesquisada. A dificuldade de acesso à internet, a falta de computadores para os professores fazerem seus planejamentos, tudo isso faz com que os profissionais muitas vezes tenham que executar tarefas do trabalho em casa, tornando o tempo dedicado ao serviço muito maior do que a carga horária semanal estipulada pelo Sistema de Ensino.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo buscou compreender de que modo os docentes inseridos num modelo diferenciado de escola desenvolvem suas práticas pedagógicas, apesar das limitações de recursos. Vimos que embora haja um programa, o Escolas do Amanhã, que visa trazer melhorias ao ensino, principalmente em regiões pauperizadas, a escola pesquisada carece de recursos essenciais tornando o trabalho docente precarizado.

Deste modo observamos o professor como um agente de resistência, capaz de superar essas limitações e buscas alternativas para o desenvolvimento de suas atividades. Assim lançamos mão de um grupo focal, buscando as impressões que os professores apresentavam, bem como limitações. Foi observada a carência de recursos básicos, como papel A4 e de outros mais dispendiosos como uma rede de internet. Percebeu-se também que os docentes desconheciam os pilares das Escolas do Amanhã, bem como de recursos multimídia do sistema municipal de ensino como a Educopédia. Observou-se também a limitação quanto ao uso de aparatos tecnológicos como tablets, celulares e computadores. Os dois primeiros pela existência de lei municipal que proíbe o uso e o último por falta de investimentos. Naquele momento todos concordavam que a disponibilização de uma ferramenta para compartilhamento de práticas poderia melhorar em seus trabalhos.

Diante disso foi desenvolvido no Facebook um grupo para compartilhamento de experiências. Oito professores fizeram parte dessa iniciativa, e esta foi amplamente utilizada. Diversos relatos foram postados e comentados pelos demais. Em seguida os docentes avaliaram o uso da plataforma e surgiram alguns consensos como:

- A plataforma melhorou o diálogo entre os docentes;
- Trouxe mais ideias e possibilidades para suas aulas;
- Permitiu a flexibilização na forma de registros, podendo fazer isso em outros momentos que não durante as aulas;
- Fortaleceu o grupo, permitindo maior integração entre docentes de anos e áreas diferentes;
- Permitiu que todos conhecessem mais a escola que estavam trabalhando, os colegas e também os demais alunos das outras turmas, unificando mais a escola;
- Deixou um legado local, de ampliação do grupo para os demais docentes e outros membros da comunidade escolar e um legado geral, de que esse estudo ainda pode ser

aprofundado, seja tendo o Facebook como plataforma ou testando outros dispositivos interativos.

No sentido da Colaboração, percebemos que houve uma ampliação desta, no sentido de que os professores puderam dialogar entre si, conhecendo outras realidades além das suas. Isto é manifesto tanto nos comentários das postagens no grupo como na avaliação feita em seguida. O compartilhamento das atividades teria levado, de acordo com os docentes, a uma reflexão acerca da própria prática. Notaram que apresentavam objetivos e percalços comuns, que todos ali fazem parte de uma rede de ensino deficiente de uma boa gestão e um projeto que não aparenta ter uma boa implementação.

Do mesmo modo que é perceptível a ampliação no regime de colaboração não podemos definir, de modo satisfatório, até que ponto isso pesou na motivação dos educadores. Embora reconheçamos a importância dessa categoria vimos dificuldades para perceber o quanto o grupo os motivou em suas práticas. Observamos nas postagens, comentários e nas avaliações alguns momentos de entusiasmo com a proposta, porém é impossível afirmar que este tenha se convertido no gatilho, na motivação para uma prática melhor. Todavia pensamos que tais momentos de entusiasmo ou um aumento de interesse em algo diferente devem ser estimulados, de modo a levar os educadores a sempre buscarem novos recursos ou alternativas para driblarem os obstáculos que aparecerem pela frente.

Podemos refletir também sobre o fato de que as postagens tomaram um perfil específico, de somente demonstrarem determinados tipos de atividades diferentes de uma aula comum. Não observamos no grupo, por exemplo, nenhum professor expondo alguma dúvida, angústia, receio, nada que pudesse ser desabafado aos demais e nem pudesse ser dialogado. Talvez os educadores tenham entendido o grupo apenas como uma vitrine para mostrarem sua criatividade quanto a desenvolverem atividades fora da rotina de sala de aula. Devemos lembrar que a finalidade do grupo não era apenas essa. Daí, podemos pensar em algumas questões como: no momento em que o grupo foi criado e os docentes foram convidados, até que ponto foi-lhes esclarecido o que podia ou não ser compartilhado; ou ainda, como os docentes interpretaram a finalidade do grupo; e mais, como o receio de uma eventual exposição negativa ou punição pode interferir naquilo que será postado. Em suma, são questões que merecem maior análise, pois almejamos tornar esse grupo mais amplo, envolvendo a participação de todos os docentes da unidade pesquisada.

Outro fator que merece atenção são os momentos de baixa utilização e interação no grupo criado. Já mencionamos anteriormente situações que podem limitar ou impedir o

acesso e uso do grupo. O entusiasmo inicial com esta foi se esvaziando em alguns momentos, e depois retornava, principalmente quando havia algum projeto temático na escola. É fundamental compreendermos esse movimento para aperfeiçoar o grupo em todos os aspectos, desde a divulgação até a avaliação deste.

A movimentação descrita anteriormente tem origem tanto nos educadores e suas questões, individuais ou coletivas, como também das limitações e problemas do Facebook. Sobre os educadores, como já explicitado na avaliação da ferramenta, a rotina intensa de trabalho e a falta de estrutura na escola reduzem o tempo dedicado à ferramenta. Por outro lado, o receio da exposição que o Facebook promove se mostrou também um impeditivo para utilização maior da rede pelos educadores. Esta rede social se mostra, em muitos momentos, como um espaço interessante para compartilhamento e diálogo entre sujeitos dos diversos lugares. É uma rede com alta popularidade e com uma interface bastante familiar de modo a facilitar seu uso. Porém esta vem sendo alvo de críticas e denúncias, principalmente na questão da privacidade dos usuários e dos algoritmos usados até para se construir opiniões sobre algo ou alguém.

Com a informação cada vez mais difundida esse tipo de questão se torna preocupante e os docentes pesquisados, e qualquer outra pessoa, vai querer zelar pela sua privacidade, de seus familiares e amigos, bem como do seu trabalho. É sabido que os servidores públicos devem se precaver sobre sua postura, em especial no que postam em redes sociais. Embora não tenha aparecido nas avaliações, este é um fator que merece ser explicitado, haja vista que pode se tornar um impeditivo para maior participação dos professores e também um aprofundamento do que é postado. Não havendo essas questões poderíamos sair da situação do grupo como vitrine de práticas ditas mais criativas para um espaço de diálogos, debates sobre a prática docente e seus desafios.

A construção de um grupo no Facebook para os professores compartilharem suas experiências nos permitiu analisar que ainda que tenhamos grandes deficiências na área educacional os profissionais ainda são capazes de superarem-se e buscarem alternativas para o seu trabalho.

Todavia podemos também refletir as inúmeras barreiras que se levantam, no campo pessoal, institucional e estrutural. Podemos ver que os problemas sociais e estruturais que nos permeiam trazem interferências graves à educação, de maneira ampla e nas práticas docentes no âmbito específico. A tecnologia se mostrou grande aliada, agilizando as interações e promovendo ações enriquecedoras, que estariam confinadas em uma sala de aula caso não fossem registradas e compartilhadas. O Facebook, ainda que com suas

limitações, se mostrou uma ferramenta favorável para os objetivos do grupo e da pesquisa desenvolvida, pois têm ao seu favor o fato de ser uma rede amplamente difundida e utilizada.

Observamos aqui como se pode trazer o uso das tecnologias, ainda que como recurso. Embora a Base Nacional Curricular defenda a ampliação deste uso para o conteúdo ministrado, percebemos grandes limitações que merecem atenção. A adequação da matriz curricular do sistema municipal para a BNCC, o reforço nos investimentos para infraestrutura nas escolas e nos bairros, oferecendo boa conectividade.

A revisão da lei que proíbe recursos eletrônicos, talvez estabelecendo regras quanto a um uso supervisionado desses. Enfim, os desafios são muitos e merecem atenção de toda a comunidade acadêmica, dos gestores, das comunidades escolares e da sociedade no todo.

Podemos também elencar outras discussões, como o uso educativo do Facebook. Percebe-se que apesar das críticas negativas a essa rede social ela pode ser bem colaborativa, desde que se estabeleçam parâmetros para o seu uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bardin, L.(2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

BAUER, M.W. & GASKELL, G. (1999). Towards a Paradigm for Research on Social Representations, journal for the Themy of Social Behaviour, 29 (2): 85.
Base Nacional Comum Curricular (BNCC):Educação Infantil, Ensino Fundamental. Brasília: MEC – Conselho Nacional de Educação 2017.

BERGAMINI, C. W. Motivação nas Organizações. São Paulo: Atlas, 1997.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. V.13v.: il.

----------. Base Nacional Curricular Comum. Brasília: 2017.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN / Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

CANABARRO, Maria M. Os professores e as redes sociais - É possível utilizar o Facebook para além do curtir? 2012. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídias na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

CARVALHO, Marilia G.; Bastos, João A. de S. L., Kruger, Eduardo L. de A./ Apropriação do conhecimento tecnológico. CEEFET-PR, 2000. Cap. Primeiro Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=2281501 Acesso em 15/02/13.

CHIROLI, D. M. G., GIROTO, A. V. O., PAPPA, M. F.Utilização do ciclo pdca associado ao diagrama de ishikawa como ferramentas de gestão em uma organização não governamental. XVIII SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO Sustentabilidade Na Cadeia De Suprimentos. Bauru, SP, Brasil, 7 a 9 de novembro de 2011.

COTRIM, B. C. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. Rev. Saúde Pública, 30 (3): 285-93, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação Matemática: da teoria à prática. Campinas:
Papirus, 2010.

FAGUNDES, L. Podemos vencer a exclusão digital. Revista Nova Escola. São Paulo, maio 2005. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/987/entrevista-com-lea-fagundes-sobre-a-inclusao-digital> Acesso em 05 nov.2018

FERREIRA, Degson; BAIDYA, Tara Keshar Nanda; DE FREITAS, Angilberto Sabino. A relação entre sistemas de compensação e motivação um estudo na Universidade Federal do Tocantins (UFT). ETD-Educação Temática Digital, v. 20, n. 1, p. 27-48, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição.

GAWRYSZEWSKI, BRUNO - Revista Contemporânea de Educação, vol. 10, n. 20, julho/dezembro de 2015.

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. In: MOREIRA, A.F. (Org.). Currículo: Políticas e práticas. 11º ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Editora Papirus, 2003.

_____. . Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus. 2007.

_____. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ed. Campinas: Papirus, 2012.

KOERICH, M. S., BACKES, D.S; SOUSA, F. G. M; ERDMANN, A. L.; ALBUQUERQUE, G. L. Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2009;11(3):717-23. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a33.htm.

LIBÂNEO, J.C. Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática. São Paulo. Heccus Editora. 6º edição. 2017.

LIMA, L.L. D'ASCENZI, L. Implementação de políticas públicas: perspectivas analíticas. Revista De Sociologia E Política V. 21, Nº 48: 101-110 DEZ. 2013

LUCAS, Sônia. Projeto Escolas do Amanhã : Possibilidades Multiculturais?. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, J. C. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: Reconhecer e desvendar o mundo. Série Ideias n.28 são Paulo: FDE, 1997 Páginas:111-122

MARTINS, B. M. R. O PROFESSOR-DESIGNER DE EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM: Tecendo uma epistemologia para a inserção do Design na Escola. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: 2016.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Impactos da Violência na Saúde. Aula Inaugural. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ENSP/Fiocruz. Rio de Janeiro, jun. 2007.
_____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª edição. São Paulo: Hucitec, 2008

MOLL, Jaqueline; LECLERC, Gesuína de Fátima Elias. Educação Integral e Comunitária: o remirar-se da cidade e da escola In: PADILHA, Paulo Roberto; CECCON, Sheila; RAMALHO, Priscila. Município que educa: múltiplos olhares. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. p. 51-57.

MOTTA, P. R. Todo mundo se julga vitorioso, inclusive você: a motivação e o dirigente. Revista de Administração Pública. Jan/mar. 1986, 20 (1): 117-29.

MORAN, José. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 2013, p. 89-90

NOVELI, P. The classroom as a space for communication: reflectionsonthetheme. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

OLIVEIRA G. P. Colaboração e multidimensionalidade como elementos para a avaliação da aprendizagem em cursos on-line - Revista de Ciências Exatas e Tecnologia, v.2 n.2. 2007.

OLIVEIRA, Kécia; FERRETE, Anne; SOUZA, Divanizia. As percepções deprofesssoresdde matemática do ensino fundamental frente às tecnologiasdgitais na escola. Revista EDaPECI, v.16 n.1, p. 63-77. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/4481/pdf>. Acesso: 17 nov 2018.

PERRENOUD, Philippe. 10 Novas Competências Para Ensinar. Porto Alegre:
Artmed, 2000.

PHILLIPS L. F. , BAIRD D. , FOGG B.J. Facebook para Educadores. 2015. Disponível em: https://educotraducoes.files.wordpress.com/2012/05/facebook-para-educadores.pdf. Acessado em: 13 de março de 2019.

RIBEIRO, D. O livro dos CIEPs. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1986.

RIO DE JANEIRO. Escolas do Amanhã: Sobre o projeto. Disponível em: <http://www.escolasdoamanha.com.br/sobre-o-projeto/>. Acesso em: 20/03/ 2018.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação, 2013. Disponível em /www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09.../NMES_1.pdf. Acesso em 04/07/2018.

_____, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP v.2 n.1. 2010.

SILVA, Geruza Barbosa da. O Papel da Motivação para a aprendizagem escolar. João Pessoa: UEPB. 2014.

SILVA, K., SILVA, T. C., COELHO, M. A. P. O uso da tecnologia da informação e comunicação na educação básica. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. v. 5, n. 1. 2016

SOUZA, A. C. Motivação Organizacional: A importância da motivação no ambiente de trabalho. Contagem: 2018.

SUBIRATS, J. El papel de la burocracia enelproceso de determinación e implementación de las políticas publicas. In: SARAVIA, E.; FERRAREZI, E. Políticas Públicas Coletânea - Volume 2. Brasília: ENAP, 2006.

TAPIA, Jesús Alonso. Contexto, motivação e aprendizagem. In: Tapia, JesúsAlonso; Fita, Enrique Caturla. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 12-61.

ANEXOS

Anexo 1 – Transcrição do grupo focal com os professores

Grupo Focal

Bruno (Mestrando) - Então, gente boa tarde! Sou Bruno Vieira, estou aqui para a gente está fazendo um trabalho, um debate, um grupo focal, justamente para estarmos discutindo algumas questões sobre a minha pesquisa. A minha pesquisa está envolvendo as escolas do amanhã, daí eu trouxe algumas perguntas que pode se desdobrar em algumas outras. Vocês fiquem à vontade para estar falando o que vocês acharem pertinente e eu vou está pontuando algumas questões e vocês vão estar respondendo uma a uma. Com isso, se tiver mais algum questionamento vocês podem ficar à vontade para estar fazendo. A primeira pergunta para a gente está começando essa só roda de conversa, nesse grupo é que: Vocês conhecem as diretrizes/pilares das escolas do amanhã, uma vez que a gente está aqui nas escolas do amanhã, a gente já está trabalhando mais ou menos vai fazer dois anos e o que vocês podem me dizer nesses dois anos quase de experiência que vocês têm, se vocês conhecem as diretrizes que permeiam as Escolas do Amanhã para que a gente possa estar fazendo este trabalho em turno integral?

(Felipe) Bom dia! Meu nome é professor Felipe, eu sou do sexto ano experimental. Eu não conheço as diretrizes das Escolas do Amanhã, nunca me foi apresentado, nem sabia que tinha uma diretriz específica para a Escola do Amanhã. Eu não conhecia muito, e desde que entrei na prefeitura, teve a formação antes da gente entrar no concurso. Até o sexto ano experimental tem formações também e em nenhuma delas foi falado sobre essa diretriz das Escola do Amanhã, então eu desconheço.

(Fábio) Eu sou o professor Fábio, atuo no sexto ano experimental e desconheço diretrizes específicas para um modelo de Escola do Amanhã. As diretrizes que nos são passadas são voltadas ao nosso segmento, no qual fazemos uma capacitação mensal e tivemos um curso, logo que entramos no processo seletivo. Foi uma das etapas, foi uma formação, onde foi falado de forma Global sobre a docência em âmbito Municipal, mas nenhuma especificação a sobre Escola do Amanhã. Só mesmo temos acesso ao que é dado ao segmento em que trabalhamos seja ele qual for.

(Sabrina) Meu nome é Sabrina, eu atuo no segundo ano e eu me encontro na mesma situação dos meus colegas. Eu também desconheço diretrizes direcionadas à estrutura da Escola do Amanhã. Eu também participo de um curso de capacitação, mas voltado para o meu segmento, não focando para a Escola do Amanhã. Então estou até surpresa de conhecer que tem, que existe uma diretriz específica para essa estrutura que nós estamos inseridos e acho super importante o nosso conhecimento, saber como funciona até para auxiliar no nosso trabalho diário com nossos alunos aqui na escola.

(Vanusa) Eu sou Vanusa, atuo no primeiro ano de alfabetização, também não conheço as diretrizes das escolas do amanhã, apesar de saber que as escolas da manhã estão inseridas em comunidades. Isso eu sei, principalmente em comunidades carentes para tirar criança da rua e deixar na escola de horário integral, mas em relação às diretrizes eu nunca ouvi falar.

(Cristiane) Meu nome é Cristiane, eu dou aula para o segundo ano, também desconheço essas Diretrizes das Escolas do Amanhã e a única formação que a gente está tendo mensal aqui é uma formação do time de alfabetizadores, mas cada um faz referente ao ano que estamos lecionando. Também desconheço, infelizmente essas diretrizes.

(BRUNO) Mediante ao que venho pesquisando, assim eu também não conhecia, eu vim conhecer a partir do momento que eu comecei a me debruçar e comecei a perceber e permear questões referente às Escolas do Amanhã. Eu enquanto profissional também da rede, enquanto profissional também no mesmo patamar, no mesmo momento e tempo de serviço de vocês, eu vim descobrir por uma questão mesmo de tá pesquisando e achar interessante em falar algo sobre as Escolas do Amanhã vide sendo um projeto muito interessante que deveria ser, onde a gente enquanto profissional a gente acaba tendo algumas questões que acabam nos atrapalhando no dia-a-dia. Então, um desses Pilares, que é um pilar que eu achei super interessante e pertinente a se discutir, a se trabalhar é aprendizagem de forma dinâmica, despertando curiosidades através de metodologias criativas e inovadoras. Vocês enquanto profissionais da Escola do Amanhã, receberam alguma formação para atuar dessa forma no cotidiano escolar? Assim, para trabalhar de forma dinâmica? Quando a gente fala de forma dinâmica, o que é que vem na cabeça de vocês? Nesse mundo globalizado que a gente vive hoje? O que vocês imaginam que o seriam esses pilares de trabalhar de forma dinâmica?

(Sabrina) É trabalhar de uma forma lúdica com os alunos, principalmente para os menores do 1º ao 3º ano a gente discute muito, mais isso veio, acabei tendo mais essa consciência através do curso de alfabetizadores. Como eu falei, nós não tivemos nenhuma orientação referente à Escola do Amanhã, mas sim do curso de alfabetizadores que nem contempla todos os professores. Alguns professores são selecionados para participar, então de acordo com esse treinamento que a gente foca muito nessa importância de trabalhar de forma lúdica, de forma dinâmica com os alunos, porque é dessa forma que eles aprendem melhor. Que eles captam melhor o conhecimento. E aproveitar também melhor essa nossa estrutura da Escola do Amanhã, que é uma estrutura moderna, mas que a gente acaba não recebendo essa orientação geral, os professores sem falar fora os professores que participam do curso de Alfabetizadores. Da onde a gente trabalha, a gente foca muito nesse sentido, de trabalhar de forma dinâmica de forma lúdica sempre; principalmente com menores porque é dessa forma que eles aprendem, que eles retêm o conhecimento.

(Felipe) No meu contexto, no contexto do sexto ano experimental, dos segmentos maiores, acho que uma forma diferenciada de trabalho é envolvendo o áudio visual, porque são alunos que têm muita dificuldade com abstrações. Eles são muito concretos, então a gente poder visualizar, trabalhar com visualização, com projeção seria muito interessante. Acho que seria esse ponto, mas a gente não tem nenhuma formação sobre isso, na nossa formação de sexto ano a gente tem muito mais o trabalho de disciplina mesmo, das disciplinas do conteúdo a ser trabalhado e de exemplos de atividades a serem desenvolvidas. Mas referente à questão tecnológica não tem. Se a gente quiser desempenhar qualquer atividade dessa natureza a gente tem que trabalhar com recurso próprio. Eu por exemplo, eu tenho um netbook meu já antigo e eu tenho que trazer-lo e procurar na internet e em casa projeções, PowerPoint para trabalhar com os alunos. Assim, uma coisa boa das Escolas do Amanhã é que em toda sala tem um projetor. Então isso ajuda bastante, a gente não ter que mudar de sala, não tem que reservar horário para usar o projetor, nem nada disso. Mas é muito complicado. Outra coisa, nós temos uma ferramenta da prefeitura, que é a educopédia, só que a gente não consegue usar aqui, porque não temos acesso à internet. Se a gente no sexto ano tivéssemos acesso à Educopedia seria muito interessante porque ela tem um trabalho com músicas, trabalho com vídeos, trabalhos com plataforma interativa que você vai respondendo as perguntas de uma maneira dinâmica.

(Bruno) Você não tem acesso à internet porque a escola não tem internet ou porque o aluno não tem acesso à internet? O aluno utiliza algum outro dispositivo móvel? Celular ele pode utilizar?

(Felipe) A escola não tem internet nas salas de aula e os alunos não podem usar nenhum dispositivo, pois tem uma Lei Municipal proíbe. Tem uma proibição de uso de celular e qualquer equipamento eletrônico.

(Bruno) Todo mundo sabe desta situação?

(Cristiane) Aproveitando o raciocínio do meu colega, professor Felipe, nós também não temos computadores. Em minha opinião, o material pedagógico é um material relativamente fraco, e eu sempre estou buscando em casa trazer mais atividades para poder complementar o material.

(Bruno) Você traz essa atividade de casa ou você consegue planejar as atividades na escola?

(Cristiane) Não eu faço tudo em casa, na escola eu não consigo planejar.

(Bruno) Você utiliza recursos da prefeitura?

(Cristiane) Não. São recursos meus próprios. Folha, tinta, tudo meu.

(Sabrina) É porque a gente vê é que nós temos até ferramentas disponíveis de pesquisa, de atividade, mas elas não são bem divulgadas. Muitos professores que eu conheço não tem um conhecimento do Educoédia, do Rio Educa, Multi Rio, que são ferramentas à nossa disposição, mas elas acabam estando em desuso por conta desta falta de divulgação da da escola, falta de divulgação dos próprios capacitadores, que deveriam fazer um trabalho mais constante para essa atualização.

(Fábio) Uma vez que se fala em dinamização do processo de ensino aprendizagem, a ausência da tecnologia dentro do espaço escolar, principalmente no contexto da Escola do Amanhã, ela torna o nosso trabalho engessado porque nós não temos computadores à

disposição, os que existem, eles precisam ser divididos em horários compartilhados, falta acessibilidade à internet, muitas apostilas têm indicação de links para visualização de vídeos.
(Cristiane - Sabrina) inclusive a manutenção desses computadores, os poucos que tem aqui são precários, estão cheios de vírus.

(Bruno) mas esses poucos computadores que têm, eles são para acesso do aluno? Os alunos têm acesso a esses computadores?

(todos) não.

(Bruno) Os alunos então não têm acesso, somente os professores. Mas todos os professores têm um computador?

(Fábio) Como eu disse anteriormente, existe uma quantidade delimitada, onde eles são compartilhados de acordo com a demanda. Então, se eu vou baixar um filme, os professores só quem acessa esse computador e o professor. Nessa que eu vou passar um filme, eu vou passar um vídeo baixado por pendrive para minha turma, eu previamente solicito à direção escolar a utilização desse notebook. Ele me é cedido por um determinado tempo e depois é devolvido, quando ele funciona ou quando está disponível, porque a quantidade não não dá vazão, não supre.

(Bruno) E a internet vocês também não conseguem utilizar na sala?

(Fábio) A internet não tem inclusive a própria direção escolar precisou adquirir um pacote de internet custeado com fundo próprio para que pudesse atender as demandas escolares. A direção custeia isso para que possa fazer enviode suas demandas a CRE para não tenha que estar se deslocando da Unidade Escolar até a coordenadoria de ensino para questões administrativas.

(Felipe - Sabrina) Nos corredores, na sala, cada um usa a sua, o seu pacote de internet, se precisar. Ou traz em pen drive, cd, ou tem que baixar tudo em casa para trazer porque não tem acesso de internet nos corredores, na sala de aula não tem.

(Bruno) Já que a gente está falando desta questão da internet, a gente vive nesse mundo globalizado, altamente tecnológico, as crianças tem essa sede de tecnologia. Hoje em dia a criança já nasce nesse mundo de tecnologia. Vocês enquanto profissionais, vocês sentem vontade, vocês tem sede de trabalhar a questão de tecnologia? Vocês trabalham com tecnologia? É claro que se a gente for pensar em tecnologia, tudo é tecnologia. Uma mesa é tecnologia, uma cadeira é tecnologia, um papel é tecnologia. Mas falando nesse mundo tecnológico na questão dos dispositivos móveis, tablet, celulares, existe essa possibilidade de trazer? Acho que o Felipe já acabou de dizer que existe uma Lei Municipal, que acaba inviabilizando. Então no município não existe a possibilidade de vocês utilizarem nada de celular, tablet?

(todos) não.

(Sabrina - Cristiane) Teria se fosse um recurso disponibilizado pela escola. Talvez se tivesse um notebook uma sala de informática, em que cada criança pudesse ter acesso a um computador. Teríamos um trabalho que poderíamos utilizar, poderíamos utilizar essa ferramenta auxiliando o nosso trabalho educativo. Nós temos muitas crianças como a professora Vanusa falou, as Escolas do Amanhã estão inseridas em comunidades carentes, que não tem tantos recursos, então a gente nem pode fazer um trabalho esperando que o aluno traga esse recurso. Então, esse é um recurso que as escolas têm que disponibilizar para o aluno. Tentei fazer um trabalho assim de pesquisa, eu tentei mas muitos não tinham acesso, muitos não tem internet, não tem impressora em casa. Esse trabalho tem que ser feito dentro da escola.

(Fabio) Exatamente, a escola deveria dispor de um computador para cada dois alunos, para que compartilhassem o uso, ou como havia antigamente na rede estadual, às salas de informática com os orientadores tecnológicos, onde a carga horária era dividida e havia um tempo destinado a essa parte de informática. Os alunos aprendiam a usar editor de texto, de planilha, a operar o computador mesmo. Hoje em dia as famílias conseguem ter acesso e a aprendizagem vai se passando dentro de casa, mas a escola tinha em âmbito Estadual esse viés. O que a proposta da Escola do Amanhã que é esse ensino integral, deveria ser utilizado para isso acaba ficando restrita o tempo todo a aula com quadro, apostilas, livros e tudo aquilo que já era tão comum, ou seja, bem tradicional. Não há essa inovação como se esperava do projeto da Escola do Amanhã.

(Sabrina) E se tratando de modernidade, dessa proposta diferente, nós teríamos que ter isso disponível dentro da nossa estrutura escolar.

(Bruno) Vocês acham que é só uma realidade da nossa escola aqui na zona oeste, ou vocês acham que a gente acaba tendo outras pessoas que a gente conhece, outros professores que fizeram concurso com a gente, ou vocês acham que isso, (se é que vocês conheçam alguém), vocês acham que as realidades nas outras escolas também, se tratando de Escolas do Amanhã, acontece a mesma situação que acontece aqui na nossa escola?

(Cristiane) (Vanuza) Acredito que são as mesmas, apesar da proposta dizer que tem ter uma sala de informática, tem viabilizar o material, para que tenha mais significado para o aluno, o mundo globalizado aí, eles deveriam ter acesso. Mas a maioria das escolas eu acho que ainda não atualizou.

(Fabio) Não há destinação de recurso para que isso seja implementado. Na verdade a Escola do Amanhã, ela acabou se tornando espaço com uma extensão de tempo de aula maior e que só trouxe para o aluno mais tempo para ele ter o que ele já tinha. E também o desgaste do profissional, que precisa, por exemplo, dar oito tempos de língua portuguesa, quando na verdade esses oito tempos eles poderiam ser revertidos em parte a uma atividade com cunho tecnológico, com jogos, com o lúdico, se esses recursos tivessem disponíveis, se nós tivéssemos essa acessibilidade.

(Felipe) Voltando um pouco a fala da colega, em relação ao caderno pedagógico ser fraco, é porque ele deve se trabalhar em conjunto com a plataforma digital Educopédia. Só que como a gente não tem acesso a esta ferramenta, aí o caderno pedagógico fica realmente fraco e a gente tem que buscar com nosso recurso atividades. Não tem porexemplo oficinas, se quer trabalham produção de texto de maneira lúdica, que se trabalhe matemática com os jogos. Entendeu? Que realmente, com oito tempos, sete tempos só de conteúdo bruto, não rende. Pra gente como professor! Porque a gente se cansa, se desgasta, e rende menos ainda para eles como alunos; que têm tantos problemas. Eles têm problema de alimentação, uma série de carências e deficiências que a gente não consegue suprir.

(Bruno) Isso da fala de vocês das deficiências que vocês falam em relação ao trabalho do cotidiano de vocês, isso tudo está inserido nos pilares que a Escola do Amanhã deveria

abranger, que seria um dos pilares da questão de trabalhar de forma diferenciada. Então assim, vocês não tem nenhum tipo de aula diferenciada, uma vez que vocês são professores generalistas, no caso, vocês acabam abarcando cinco disciplinas, que é português, matemática, história, geografia e ciências. Vocês não têm aulas diferenciadas a não ser Artes, Educação Física, Inglês e Sala de Leitura. Mas alguma aula diferenciada no tocante fora do currículo vocês não tem?

(todos) Não.

(Sabrina) Estas atividades quando elas acontecem é o próprio professor que traz. Uma proposta diferenciada para aquele dia, mas nada voltada no currículo, no currículo nós não temos nada para oferecer.

(Bruno) E nada direcionado por parte da Escola do Amanhã, fica a critério de cada profissional?

(Fábio) Não há um parâmetro, deveria existir um parâmetro para ser seguido, dentro dos pilares desse conceito de Escola do Amanhã, mas como não há, cada professor improvisa a sua maneira e com seu próprio recurso.

(Bruno) Então para vocês se torna uma surpresa existir Pilares que poderiam estar norteando nosso trabalho?

(Todos - Fábio) Sim, muito. Eu fico muito surpreso, porque já estou indo para dois anos trabalhando nesse espaço e nunca soube que existia isso, não tivemos capacitação. É um cansaço muito grande, problemas que advém desse cansaço diário, problemas de cordas vocais, problemas nervosos, cardiológicos, enfim.

(Felipe) Um pouco surpreso e frustração também, porque você sabe que tem todo um recurso que deveria ser empregado, toda uma forma de trabalhar e que simplesmente, creio eu, que não é por negligência.

(Bruno) E desenvolvimento do aluno? Como é que fica? O que vocês acham, como vocês falaram, o aluno que tem sede de tecnologia, como é que vocês veem esse desenvolvimento desse aluno?

(Fabio) Ele fica limitado, assim como nosso trabalho também é limitado, o desenvolvimento do aluno também é, porque ele tem todo o potencial para que se fossem aplicadas estas tecnologias, esses recursos, esse diferencial, ele se desenvolvesse, ele se desenvolve dentro do que se espera no mínimo significativo com o que a prefeitura disponibiliza, mas agora isso poderia ser muito maior, poderia se estender se nós tivéssemos algo estrutural, melhor organizado e com mais recursos.

(Bruno) E vocês acham que essa lei que o Felipe citou, da proibição dos aplicativos móveis, celulares, tablet. Isso também acaba implicando? Essa lei Municipal que existe da não utilização? Vocês acham que atrapalharia, mesmo se na escola tivesse internet? Ou não atrapalharia? Vocês acham que o aluno saberia utilizar estes aplicativos? Se vocês pedissem para eles trazerem esse material, para sala, uma vez que fosse permitido? O que vocês acham? Seria positivo?

(Felipe) Não, seria negativo. Como eles não tiveram esta cultura de na escola de utilizar estes recursos, eles não saberiam utilizar. Eles achariam que o celular era só para recreação mesmo. Eles não têm este hábito de usar o celular como uma ferramenta escolar, como uma ferramenta de pesquisa, como ferramenta de estudo. Eles não tem.

(Cristiane) Eu acredito que a escola deveria ter uma sala de informática equipada com computador, impressora e um professor para dar aula e mediando. Mas não deixa-los à vontade, com celular na mão, não.

(Fabio) Eles não têm a maturidade para isso, a não ser como a colega disse a pouco, se fosse uma sala voltada para isso com orientador tecnológico, um professor ali à frente, um plano de aula. Aí sim, nós teríamos êxito, mas deixá-lo solto com o dispositivo e acessibilidade à internet não seria viável.

(Sabrina) Só com orientação mesmo, dentro de um espaço específico para aquele fim.

(Bruno) Então, mediante a tudo que vocês falaram, é percebido que são grandes as deficiências. Vocês não conhecem os pilares das Escolas do Amanhã, os que vocês acham, as dificuldades que você tem de trabalhar, mediante a esse cenário caótico de 40 horas trinta e poucos tempos de sala de aula, muita das vezes o horário de planejamento de vocês furados, como a Cristiane citou, que leva trabalho para casa, a Vanusa traz um trabalho diferenciado. Nesse cenário, não sei se a gente pensa ou sente pode estar dizendo caótico, a falta da tecnologia. Qual a necessidade que vocês sentem para que de fato o trabalho, pudesse ter um respaldo maior e vocês se sentirem avaliados e ter um feedback? Pelo que vocês falaram, vocês que não tem um feedback, o feedback que vocês têm é o resultado do aluno, mas quê vocês sugerem? Vocês tem trocas, vocês trocam entre vocês, para que de fato o trabalho possa estar tendo uma continuidade? Vocês sugerem alguma coisa? Vocês trocam em ambientes diferenciados? Como o trabalho de está, como o de outro está, como é que vocês se organizam para esta troca?

(Cristiane - Sabrina) A gente troca né, Sabrina. Eu e a professora Sabrina damos aula para o segundo ano e a gente costuma trocar alguma coisa.

(Bruno) Entre vocês né, mas vocês não conseguem fazer uma troca no geral? A gente até consegue fazer, mais um pouco voltado para alfabetização, que é hoje onde nós estamos. Com a Vanusa a gente também faz muita troca, tipo com atividades, alguma brincadeira, mas não no geral. Isso acaba não acontecendo de forma generalizada, acaba ficando restrito ao segmento.

(Fabio) Como nós do 6º ano também, compartilhamos atividades.

(Bruno) Vocês são quantos professores do sexto ano?

(Fabio) Somos cinco.

(Bruno) Vocês cinco conseguem trocar entre os cinco?

(Fabio) Não.

(Bruno) Vocês acham que poderia existir algum tipo de dispositivo, algum tipo de ferramenta, alguma coisa que pudesse auxiliar nessa troca? Essa troca de informações para que de fato o trabalho pudesse ser favorecido, ou vocês acham também que não há necessidade disso?

(Felipe) Poderia, tendo recurso. O fundamental, que na escola não têm. Nós não temos, são recursos pedagógicos. Falta inclusive papel sulfite para gente trabalhar, o básico. A gente não tem papel branco, a gente não tem muitas vezes apagador de vez em quando, então quer dizer, são coisas básicas que não tem. Agora, tendo o recurso, a gente poderia trabalhar com plataformas digitais, por exemplo aquela plataforma Moodle de aula virtual, que muitos, até o governo utiliza para formação à distância, enfim. A gente poderia utilizar esta plataforma de fóruns com os professores, trocando planejamentos, trocando atividades, a gente poderia utilizar essa plataforma.

(Sabrina) Essas novas tecnologias poderiam auxiliar a gente nessa troca. Eu conheço por exemplo a ferramenta Moodle, que é uma ferramenta que é utilizada para educação a distância, então seria por exemplo, só como exemplo, uma ferramenta excelente para troca. Então nós conseguiríamos colocar até mesmo por segmento as atividades que você tá trabalhando junto com a sua sala, dividir com um colega. Seria uma troca.

(Bruno) Vocês publicariam as coisas? Trocariam?

(Fábio) Isso, colocar textos, vídeos, uma página no Facebook, atividades. Uma página no Facebook por exemplo seria muito viável, onde a gente pudesse postar ali aqueles documentos que foram compartilhados. Por exemplo, o sexto ano. Aí um professor de sexto ano, olha eu trabalhei isto positivamente na minha turma. Posta aquela atividade alí e outros de outras turmas vão e às vezes até mesmo...

(Bruno) Existe a possibilidade de se comentar, de ter comentários, trocas embaixo destas postagens ?

(Fábio - Felipe) Sim, existe a possibilidade de cada um comentar, mas desde que isto seja uma coisa registrada, com planejamento escrito. Não é também só tirar foto por tirar. Que

a gente vive uma realidade hoje, que é assim, tudo a gente tira foto toda atividade e fica aquela foto ali só para constar.

(Bruno) Como se fosse uma sistematização do que é aquela atividade?

(Fábio) É uma satisfação do que está acontecendo, mas você não tem o objetivo da atividade, você não tem a justificativa. Ela não foi estruturada, não tem um projeto.

(Felipe) dá uma satisfação do que está fazendo, mas você não tem objetivo da atividade você não tem a justificativa.

(Sabrina) O que a gente acaba vendo é que é tudo muito solto. A gente acaba tendo um trabalho positivo por conta do resultado dos nossos alunos, que é o nosso objetivo fim. Mas a gente acaba não tendo, é cada um fazendo o seu, não tem aquela estrutura organizada, não existe um projeto específico para seguirmos na escola, às tecnologias que já foi falado então, é muita carência, que acaba acontecendo dentro da nossa estrutura escolar.

(Bruno) Então vocês falam que uma das questões não ter estas formações, das capacitações, esses feedbacks, até mesmo não conhecer os pilares das escolas do Amanhã, uma ferramenta tecnológica que viabilizasse essa troca seria interessante, como você citou, o moodle, o Facebook?

(Sabrina) O moodle, que a mesma proposta do Facebook, só que é uma ferramenta específica para isso, mas também poderia se fazer no Facebook.

(Bruno) Mas de forma amarradas as pessoas postassem não simplesmente postar as atividades. A partir de que surgiu esta atividade, objetivos, como se estruturou, a aplicatividade com planejamento de instrumentos para vocês estarem trocando e conversando.

(Felipe) Já existe a nível Federal na plataforma Paulo Freire, com qualquer professor pode ter acesso e pode colocar o seu plano de aula lá. Então poderia ser uma coisa mais local da nossa escola portal do MEC.

(Bruno) Só que vocês sentem necessidade de fazer uma troca dentro da própria escola?

(Sabrina) Até porque aqui faz parte da nossa realidade. Então, a gente sabe uma atividade que funciona na sala da colega também vai funcionar a gente está inserido dentro dessa comunidade, dessa realidade, então é muito mais fácil quando se tem uma coisa mais micro, menos macro e você consegue atingir muito melhor.

(Felipe) A gente tem um planejamento Geral das atividades da escola, teria uma certa correlação, então seria importante esta troca.

(Bruno) Como vocês falaram que não tem acesso, esse acesso seria através de que? De recursos próprios?

(Todos) Nesse momento infelizmente sim, com recursos próprios, celular, tablet, internet, nossos colegas passando para o outro que é como a gente no dia a dia trabalha. Advindo da gestão pública não tem. Ou a gente traz e custeia, ou não tem.

(Bruno) gente então assim, vou agradecer vocês cinco por esse primeiro bate-papo. Não sei se eu vou precisar de outros momentos, mas específico estarei levando para minha coordenadora, que vocês podem me cobrar o Jabá. Minha orientadora Dra. Bianca acho que vai amar. Antes podem mandar um beijo para ela. Sintam-se abraçados porque ela é uma ótima pessoa eu quero te abraçar uma ótima pessoa. Tem um aluno aqui que foi aluno dela, o Fábio, que não sei se ele volta. Mas, Bianca, estamos aí, esse é o nosso trabalho. Obrigado, gente.

Anexo 2 – Ficha de avaliação dos professores sobre o grupo desenvolvido no Facebook

Ficha de avaliação.

Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

Como professora de uma Escola do Amanhã do município do Rio, considero que a experiência de compartilhar boas práticas na rede social Facebook foi bastante provcitosa no sentido de permitir a integração entre docentes, a discussão de ideias e a criação de um coletivo que colora mutuamente para o aprimorando de metodologias envolvidas no processo de ensino aprendizagem. Boa parte desses professores lida diariamente com os desafios de uma escola de turno único – que possui demandas específicas, um modelo relativamente novo e que por isso mesmo precisa ser estudado e aprimorado. Percebe-se que esta iniciativa estimulou a formação contínua dos professores, que muitas vezes, pela carga horária, tende a não conseguir dar continuidade a seus estudos acadêmicos. A partir do momento em que o docente, nesta plataforma social, escreve sobre o que faz, organiza um pensamento e elabora uma narrativa, consequentemente ele se encontrará em um processo de reflexão sobre sua prática docente, experiência que, ao meu ver, se configura como uma continuidade em sua formação profissional. Isto é, ele se capacita, se aprimora dentro daquele espaço, sente a valorização de seu trabalho e percebe que pode contribuir com seus pares. Além deste ponto, a plataforma diminui as distâncias entre os professores de uma mesma escola, que muitas vezes só conseguem conversar em reuniões formais com pautas pré-programadas. Neste espaço da rede social, os professores se sentem pertencentes a um grupo, e ainda, possuem maior abertura para comentar, opinar, relatar ocorridos durante seus projetos, sempre com um foco no alunado e na escola como construtora de conhecimento. Houve enorme interação entre os envolvidos. O fato desta rede social permitir a postagem de fotos e vídeos auxilia muito numa comunicação mais clara, não ficando apenas no relato escrito, mas também visual. A qualquer hora do dia, podemos fazer esse envio de dados, não ficando presos a um horário rígido e a um formato fechado de relato. As atividades relatadas puderam , desta forma, ser compreendidas com clareza e os registros fotográficos servem como documentação que organiza as experiências, os jogos, os projetos, os exercícios, exemplificando como o alunado respondeu a isso. Este espaço na plataforma, permitiu principalmente o compartilhamento do processo sem focar somente no resultado final. O processo, as tentativas, as ideias que ainda estão nascendo, as possíveis falhas, tudo isso teve espaço neste grupo do Facebook. Por isso, considero muito positiva a proposta, pois ela coloca os pares em diálogo em um mundo em que temos tão pouco tempo para abrir nossas ideias uns para os outros. É uma possibilidade de nos reinventarmos dentro de um coletivo que tem em comum o objetivo de transformar a sociedade e a vida através da educação. Como sugestão, fica a ideia de talvez permitir que os alunos e pais também possam interagir de alguma forma, assim, passam a valorizar o trabalho do professor, da escola e dos funcionários, além de se reconhecerem como sujeitos importantes neste ambiente de aprendizado.

2

Ficha de avaliação.

Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

Houve interação entre os envolvidos na participação e na criação do grupo, na plataforma (Rede social – Facebook) e ainda foram possibilitadas contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no dia a dia docente.

A tecnologia, cada vez mais avançada fez emergir o conhecimento por simulação, foi possibilitando a troca e o intercâmbio de conhecimento. Faz com que a colaboratividade produtiva rompa fronteiras geográficas da produção acadêmica e produza a lógica que se volta para a solução de problemas por meio de conhecimento interdisciplinar.

Crianças nativas digitais e professores precisam estar atentos às distintas e às tendências mais atuais da Educação. A revolução trazida pela informática é, sem dúvida, um requisito para o sucesso dos mesmos.

3

Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

As interações ocorrem a todo instante possibilitando adaptações das sugestões das atividades desenvolvidas pelos colegas de acordo com a turma e o nível de escolaridade e também das habilidades do profissional. Na atualidade as redes sociais tem contribuído muito para trocas de ideias, com outras culturas ampliando a visão de determinados assuntos... O olhar diferenciado sobre essa ou aquela atividade pode abrir um leque e intrigar várias disciplinas com o objetivo de fazer um trabalho integrado, projetos envolvendo todo o corpo da unidade Escolar. Apesar de particularmente não curtir muito fotos, gosto muito de registrar os acontecimentos e faço isso com prazer.

Há muitos anos colecionei ex alunos no face e recentemente uma aluna da turma que sou profes sora pediu p/ adicioná-la... Percebi que além da questão afetiva sua desenvoltura na alfabetização melhorou!.. ela digita seus textos curtos, lê e interage no mundo virtual.

Os desafios constantes ocorridos em uma Escola do Amanhã no Rio de Janeiro, requer funcionários, se- jam professores, merendeiras conectados com os avanços tecnológicos, pois a nossa clientela (crian- ças e responsáveis) acessam as redes com suas infor mações e utilizar esse recurso a favor da Educa ção é um meio de apresentar os projetos realiza dos e o compromisso da Escola com a comunidade inserida. Afinal, Escola busca o desenvolvimento das crianças em todos os aspectos acompanhando a evolução do tempo, as mudanças e avanços no mundo

Ficha de avaliação.

Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

O uso das novas tecnologias na escola possui um papel importante e inovador, tira-nos de um ambiente estático e conservador, envolvendo-nos a um sistema dinâmico e atual.

O ambiente informatizado criado pelo mestrando Bruno nos possibilitou usar esta ferramenta de forma a elucidar a nossa prática docente estimulando, constantemente, as interações entre o grupo.

Houve trocas diárias de excelentes atividades desenvolvidas em sala de aula e fora dela, ideias criativas, práticas que trabalham a interação e a socialização por meio da ludicidade e da criticidade, tendo sempre o aluno como ser social, imbuídos de conhecimentos prévios, sendo assim participante ativo em seu processo de ensino.

Interagi com o grupo transmitindo minha prática docente diária. Assim como todos presentes no grupo. Uma troca dinamizada e construtora, com grande valia, oportunizando o aluno como o centro do aprendizado. Contribuições pedagógicas enriquecedoras que nos abrem um leque de possibilidades e inovações no dia a dia.

Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

O grupo criado para troca de experiências e vivência no espaço escolar está sendo de grande valia, pois os envolvidos compartilham saberes e atividades de forma que os recursos utilizados sejam de fácil acesso financeiro, as ferramentas utilizadas são de uso cotidiano na escola e mesmo assim tem como resultado projetos e trabalhos ricos, belos e atraentes para o conhecimento dos alunos.

O uso da tecnologia como recurso utilizado para o auxílio no processo de ensino-aprendizagem faz com que pesquisemos em plataformas digitais novas ideias que contribuem e alicerçam o trabalho/tarefas dadas em sala onde podemos concretizar com duas práticas o que foi já contextualizado. Com isso o conhecimento amadurece fazendo com que o aluno esteja pronto para estabelecer novos saberes.

Minha experiência no grupo, deixa claro que podemos fazer excelentes atividades, fermentadas de criatividade, despertando o interesse da turma nas aulas, fazendo com que o aluno seja protagonista de seu aprendizado, e tudo isso com pouco recurso.

É fundamental que as atividades partam do interesse do aluno, que todos participem ativamente da concretização das atividades, pois é no espaço escolar que as diferenças se mesclam. E quanto a isto, devemos ter um olhar criterioso, não apenas identificando erros e acertos, mas sim oportunizando novos fazeres.

Quanto ao aprimoramento de recursos sugiro que as atividades sejam postadas com as ferramentas utilizadas e seu modo de fazer, facilitando a execução da aula para todos do grupo. Seria também interessante um dia de culminância para unirem os trabalhos para uma troca mais calorosa.

Na verdade, o grupo tem sido um canal de pesquisa pessoal onde aplico muitas atividades aos meus alunos.

Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

Sim, houve uma interação de exposição e trocas de conhecimentos pedagógicos, através das atividades realizadas com os alunos. A plataforma (Rede social – Facebook) serviu, portanto, de canal para a comunicação e socialização do conhecimento.

Sim. A contribuição mútua de trabalhos desenvolvidos foram extremamente enriquecedores das práticas de ensino e das experiências interpessoais de professores; o que, futuramente, pode sugerir o aparecimento de novas maneiras de ensinar.

Os impactos são profundamente transformadores, uma vez que a sociedade na qual a escola está inserida tende a se tornar cada vez mais tecnológica, não faria sentido a escola se manter à parte das inovações tecnológicas e dos benefícios que isso traz ao processo de ensino/aprendizagem.

A partir de minha vivência e experiência no grupo, pude compreender o quão importante é prática é a inserção de recursos tecnológicos na escola, de modo que sugiro a criação de um grupo bem maior, que abarcasse as escolas do país inteiro. Assim, seria possível trocarmos experiências, aprendermos uns com os outros e crescermos profissional e pessoalmente.

Ficha de avaliação.

Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

Sim. A Plataforma possibilitou uma interação maior entre os docentes envolvidos, de modo a compartilhar as atividades bem-sucedidas no espaço escolar, trazendo, com isso sugestões que pudessem quebrar a rotina e proporcionar aos educandos novas percepções do que é aprender. Houve diversas contribuições entre os envolvidos, inclusive, com reflexões do que, ou não, fazer à luz dos resultados obtidos.

Percebe-se um impacto a partir da utilização da tecnologia através deste recurso como auxílio no processo escolar, uma vez que, num contexto escolar cuja duração do trabalho é de sete horas por dia, é preciso inovar, trazer algo vá além dos recursos pedagógicos tradicionais - quadro, caderno pedagógico, livro didático.

É válido sugerir, ainda, a extensão desta proposta a outras plataformas como Whatsapp ou Instagram, uma vez que alguns profissionais têm maior afinidade com um mecanismo e menos, com outro.

UNI CARIOCA

Ficha de avaliação.

Mestrando- Bruno Vieira.

Tema: Interação e tecnologia na prática docente para superar os desafios do cotidiano escolar: um estudo de caso em uma Escola do Amanhã (RJ)

A partir de sua participação e criação de um grupo na Plataforma (Rede social – Facebook) houve interação entre os envolvidos? Contribuições mútuas de trabalhos desenvolvidos no cotidiano docente foram possibilitadas? Quais os impactos a partir da utilização da tecnologia através do recurso utilizado para o auxilio no processo escolar? A cerca de sua vivência no grupo e enquanto professor dessa unidade escolar, comente essa experiência, sugerindo para um aprimoramento de recurso – experiência.

Promover a integração da equipe docente através de espaços de compartilhamento que facilitem a construção e criação coletiva, assim como a troca de experiências, são uns dos facilitadores para o aprimoramento do ato de lecionar. A criação do grupo na plataforma (rede social - Facebook) condiz com essa ideia, pois promoveu aos docentes essa interação e troca de experiências.

Muito se ouve que o trabalho do docente no dia-a-dia é solitário, no sentido de ele estar sozinho com a turma dentro de sala de aula, tendo, portanto, pouco contato com outros docentes. Esse grupo no entanto buscou minimizar esse isolamento, propiciando um intercâmbio de ideias e atividades realizadas permitindo contribuições mútuas entre os docentes.

As novas tecnologias fazem parte do nosso cotidiano, praticamente todos os segmentos da sociedade passaram por mudanças e com a educação não foi diferente. Usar esses recursos na prática docente, melhora a comunicação entre os professores (que se torna mais ágil e eficaz), a organização pedagógica (pois concentra as atividades compartilhadas em um único espaço) e na construção do planejamento escolar. Esses recursos são, portanto, facilitares e auxiliadores no processo escolar, sendo um ganho para os docentes e discentes.

Com o uso da plataforma, pude experenciar muitas atividades possíveis de serem realizadas em sala de aula. De acordo com o retorno dos alunos, as aulas se tornaram mais atrativas e interativas, propiciando melhores resultados no processo ensino-aprendizagem.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Sim. Sempre verificava as postagens dos participantes, curtia e comentava. Constatava a qualidade dos trabalhos mostrados.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Silêncio natural concernente aos momentos de elaboração e produção das atividades, haja vista que essas atividades diferenciadas requerem um planejamento diferenciado.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Usei de forma moderada, intercalando com outras atividades da minha rotina. E nunca o colocando como prioridade, mas sim como uma ferramenta muito útil e prática.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Utilizo recurso de divulgação de vídeos e notebook.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Não tão assíduo. Minha carga de trabalho totaliza 60h por semana, o que inviabiliza o uso contínuo das redes sociais

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Em alguns momentos sim, Pois este lapso temporal era o intervalo entre as Postagens, uma vez que estas eram o reflexo das atividades realizadas Pelos Professores na escola.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Falta de tempo, dada a carga horária de trabalho diária.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Instagram, Whatsapp, Messenger.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Na medida do possível sim.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Algumas vezes. Acredito que por falta de tempo.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Não gosto muito de me expor.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Data show, email para que eu faça uso da leitura/escrita.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Tentei, na medida do possível colaborar... porém, confesso que não gosto muito de exposição, principalmente no local de trabalho e redes sociais.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Sim. Talvez por motivo de admiração demais ou por indiferença em não se colocar-se. Nas redes sociais a interpretação das publicações muitas vezes pode ocasionar muitas divergências.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Exposição!!! Que minha personalidade tenta prevenir-me, pois acredito que rótulo sejam positivos ou negativos, influenciam e geram cobranças e gosto de fazer o que acredito sem contrariar-me.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Tablet, data show, email; Tudo que leve ao incentivo da leitura/escrita e esteja ao meu alcance.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Sim, pois possibilitava troca.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Talvez devido às demandas do dia a dia, em períodos muito tarefados tanto na vida pessoal quanto pedagogicamente.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

A falta de tempo em casa, com boa internet para postar. com calma os trabalhos.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

WHATSAPP. PARA COMPARTILHAR COM OS PROFESSORES GENERALISTAS O AVANÇO E DESENVOLVIMENTO DA TURMA.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Sim, sempre compartilho atividades, pois a colaboração no grupo serve como ferramenta/recurso para ampliarmos saberes.
As atividades compartilhadas são muito importante para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Não. O grupo esteve em constante movimento e a motivação para tal foi que com as atividades compartilhadas estabelecia-se a troca para serem aplicadas com os alunos.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Não utilizei poucas vezes.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Internet ou plataforma digital através do datashow

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Sim, participo de forma assídua, compartilhando atividades que desenvolvi dentro e fora de sala.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Sim, acredito que pelas tarefas pessoais do dia a dia impossibilita um contato mais fuquente. Entretanto a participação de todos é bem assídua. Um incentiva o outro nas interações diárias.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Utilizo sempre que disponho de tempo.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

Além do facebook, o Whatsapp.

(Continuação) - Ficha de avaliação. Mestrando- Bruno Vieira.

Você enquanto participante do grupo, foi um colaborador assíduo?

Foi muito bom participar do grupo e ser contemplada com as contribuições dos demais colegas, porém infelizmente com a correria do dia a dia, não consegui participar de forma mais ativa e com a assiduidade que eu gostaria.

Foi percebido momentos de silêncio no grupo. Na sua opinião, qual o motivo disso?

Sim, em alguns momentos o grupo interagiu pouco, percebi que a interação acontecia de forma mais calorosa e ativa quando a unidade escolar estava promovendo algum evento comemorativo ao projeto temático, no qual tinha maior troca e participação dos professores no grupo.

Se você utilizou poucas vezes o Facebook, o que justifica?

Tive uma boa participação no grupo, mas gostaria e acho que eu poderia ter participado mais. Fui impossibilitada muitas vezes por falta de tempo e em outras por esquecimento.

Que outros recursos ou dispositivos você utiliza?

O recurso que mais utilizo é o facebook, por ser o mais rápido e mais acessível, mas utilizo também o whatsapp, pinterest e Instagram.